

ISSN 2965-6192



RE VIS TA **Sarau**

Volume 5 · Número 15 · Julho | Agosto de 2025

POESIAS · CONTOS · CRÔNICAS · ARTES VISUAIS

Raymundo Netto
Anna Mello
Bert Junior
Clóvis Wey
Denís Amaral
Ingrid Konrath
Monique de Magalhães
Simony Peres
Tânia Pino

**MIA
COUTO**

**VANESSA
PASSOS**



AUDIODESCRIÇÃO JULHO/AGOSTO 2025

Descrição da imagem: capa com fundo branco e folhas longas com tons claros na cor rosa. No topo, à direita, em letras pretas, “ISSN 2965-6192”, o código de barras e ao centro, com letras grandes, “Revista Sarau”. Abaixo, em letras pequenas na cor rosa claro, “Volume 5 – Número 15 – Julho / Agosto de 2025”; em letras grandes e pretas, “POESIAS ● CONTOS ● CRÔNICAS ● ARTES VISUAIS”. Ao centro, a foto grande, colorida e em destaque de Vanessa Passos, escritora e professora brasileira. Vanessa é uma mulher parda, cabelos longos, lisos e castanhos; tem olhos castanhos e boca carnuda com batom vermelho; usa blazer na cor nude e gargantilha com pingente em forma de coração, ambos dourados. À direita, na vertical, em letras pretas, “Raymundo Netto, Anna Mello, Bert Junior, Clóvis Wey, Denis Amaral, Ingrid Konrath, Monique de Magalhães, Simony Peres e Tânia Pino”. Abaixo, na parte inferior à direita, a foto colorida do escritor e biólogo moçambicano Mia Couto. Couto é um homem branco, cabelos curtos, lisos e grisalhos; tem olhos claros, usa óculos de grau e a barba grisalha.

POLÍTICA DE DIREITOS AUTORAIS

Copyright © dos trabalhos pertencem aos seus autores. Todos os direitos reservados.

Os autores e artistas que publicam seus trabalhos na Revista Sarau concordam com os seguintes termos:

- . Os textos e imagens publicados na Revista podem ser reproduzidos em quaisquer mídias, desde que a utilização seja isenta de fins lucrativos e sejam preservados os nomes de seus autores e a fonte;
- O conteúdo de cada texto ou imagem, aqui publicadas, é de exclusiva responsabilidade de seus autores e tais conteúdos não refletem, necessariamente, a opinião da Revista;
- Toda participação na Revista Sarau ocorre de forma gratuita.

Para baixar nossas edições anteriores, acesse:

<https://revistasarau2.wixsite.com/website>

EXPEDIENTE

Volume 5 – número 15 – jul. / ago. de 2025
Fortaleza – CE – Brasil
Publicação Bimestral
Distribuição Gratuita: On-line

EDITORES:

Débora Nogueira
Nonato Nogueira

JORNALISTAS:

Tiago Rocha de Oliveira - Registro nº MTB/JP 01293-ES
Gerardo Carvalho Frota - Registro nº 1679-CE, em 21/03/2005. DRT 002936/00-92

CONSELHO EDITORIAL:

Nonato Nogueira (Editor)
Afrânio Câmara (UERN)
Luciana Bessa (UFCA)
Gerson Augusto Jr. (UECE)
Elaine Meireles (Editorial)
Ivan Melo

Colunistas:

José Roberto Moraes
Néia Gava
Péricles Melo
Rangel Flor
Elaine Meireles

REVISÃO E NORMALIZAÇÃO:

Elaine Meireles e Ivan Melo

DIAGRAMAÇÃO:

Nonato Nogueira

CAPA:

Reprodução da foto de Vanessa Passos e Mia Couto

AUDIODESCRIÇÃO:

Ana Paula Marques

CONTATO:

revistasarau2@gmail.com
Instagram: [@revistasarau](https://www.instagram.com/revistasarau)
<https://revistasarau2.wixsite.com/website>

A Revista Sarau é uma revista de Literatura, Música, Cinema, Teatro e Artes Visuais. É uma publicação eletrônica, de submissão aberta, publicada bimestralmente por escritores e artistas comprometidos com a divulgação da Literatura e da Arte em nosso país.

SUMÁRIO

- 5 Editorial
- 6 Não é necessária competição, há sol para todo mundo brilhar / Vanessa Passos
- 10 “A filha primitiva” de Vanessa Passos / Ana Paula Marques
- 11 Compreendendo a crônica de Raymundo Netto / Luiza Pontes
- 12 Desconfiança / Raymundo Netto
- 14 Arte Visual / Bruno Xenofonte Gadelha
- 15 O poema “Saudade” de Mia Couto na perspectiva da teoria de Mikhail Bakhtin / Denilson Marques dos Santos
- 17 Mia Couto – uma essência / Lucirene Façanha
- 18 Mia Couto / Maria Patriolino
- 19 Os lobos / Anna Maria Mello
- 22 Outros / Bert Jr.
- 25 Moldura / Clovis Ferraz Wey Junior
- 26 Abra em 2020 / Denis Amaral
- 29 Entre a Forja e o Destino / Ingrid Konrath
- 31 Pode do olhar / Simony Peres
- 32 Seis da tarde / Monique de Magalhães
- 33 Confused / Sophia Jamali Soufi
- 34 História / Tânia Pino
- 35 Penso, logo tenho liberdade / Luciana Bessa
- 36 Flores / Diana dos Santos Rech
- 37 Art Collage / Beny Batbosa
- 38 Fascismo e melancolia: a juventude como questão em Pasolini / José Valdir Teixeira Braga Filho
- 39 Var / Renato Bruno Vieira Barbosa
- 40 Borboletas que não voam / Shirley Pinheiro
- 41 É preciso saber voar / Leide Freitas
- 42 Oxítora / Jonas Serafim
- 43 Poiésis / Janaina Cruz
- 44 Arte Visual / Amauri Flor
- 45 Escritoras Cachoeirenses / Néia Gava
- 46 A fêmea do Tigre / Antônio de Pádua Santiago de Freitas
- 47 Tatuagem / Luan Luna
- 48 O Juazeiro / Rai Albuquerque
- 49 Mosaico Cultural / Elaine Meireles
- 51 Nada é impossível / Mércia Souza
- 52 Art Collage / Carlos Nascimento
- 53 Clics do Sertão / José Roberto Moraes
- 55 O Eterno Retorno / A dança das semelhanças nos ritmos das diferenças / Gerson Augusto Jr.
- 57 Conclave – um cearense no Vaticano / Lembranças / José Gurgel
- 58 A divina mente visionária / Viés / Alexandre Braga
- 59 O tempo espiralar no romance Torto Arado – as narradoras / personagens: Bibiana, Belonísia e Santa Rita Pescadora / Elizaet Jacira Barbosa

EDITORIAL

Parodiando Hamlet: “Existe mais coisa entre a África e o Brasil do imagina o nosso pouco Conhecimento”.

Não estamos falando dos laços vergonhosos e maculados pela escravidão, nem tão pouco nos referindo a ações individuais e/ou coletivas que tentam reparar essa “página triste de nossa história”. Evidenciamos vínculos selados com acordos diplomáticos que abrangem diversas áreas, tais como a cooperação técnica, cultural, econômica, ... promovendo o desenvolvimento e o bem-estar da população. Aproximamo-nos, de modo especial, aos países lusófonos na África (Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Guiné Equatorial) que juntamente com o Brasil são membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP).

A partir desses acordos, passamos a conhecer melhor a História, a Cultura e a Literatura africana. Dos países da CPLP, destacamos Moçambique, que em 25 de junho estará fazendo 50 anos de sua Independência. Entre tantos escritores moçambicanos (Pauline Chizone, José Craveirinha, ...), destacamos Mia Couto que inaugura uma nova era na Literatura de Moçambique. Influenciado pelos escritores da Geração de 30 do Modernismo brasileiro, de modo particular por Jorge Amado, sua produção literária busca a identidade nacional, traz marcas da oralidade, valoriza a cultura moçambicana, cria neologismos. Vale a pena conferir algumas de suas obras como Terra Sonâmbula, O Último Voo do Flamingo, A Confissão da Leoa.

Da África para o Ceará, a Revista Sarau do bimestre homenageia, também, Vanessa Passos, escritora, roteirista, professora com Pós-Doutorado em Escrita Criativa. Colunista do Jornal O POVO (Fortaleza-CE) e do Portal PublishNews, é idealizadora de vários projetos e programas direcionados ao “empreendedorismo literário”. Possui vários contos publicados no volume A mulher mais amada do mundo e seu romance de estreia, A filha primitiva, vencedor de vários prêmios, será adaptado para o cinema, pela Modo Operante Produções.

Tenham todos uma boa leitura!

Elaine Meireles
Contato: ponchetart1@gmail.com

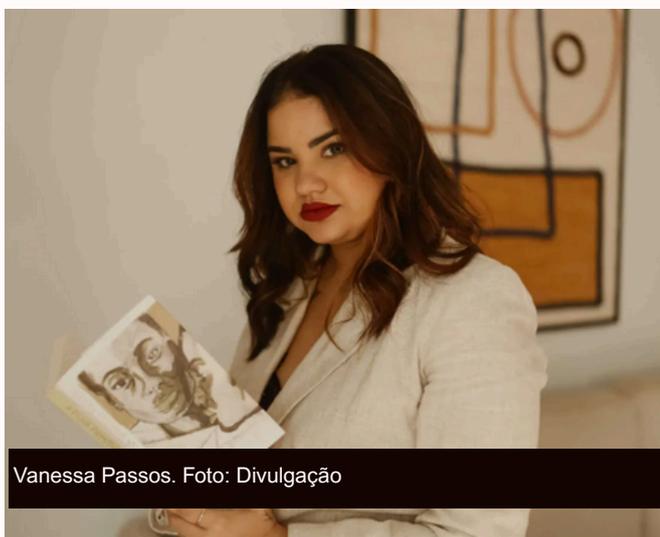
VANESSA PASSOS

NÃO É NECESSÁRIA COMPETIÇÃO, HÁ SOL PARA TODO MUNDO BRILHAR.

“NÓS, ESCRITORAS, NÃO PRECISAMOS MORRER PARA SERMOS LIDAS” (VANESSA PASSOS)

Vanessa Passos, natural de Fortaleza, mora atualmente em São Paulo. É casada com o escritor Paulo Henrique Passos, “marido/sócio” como gosta de chamá-lo carinhosamente, e mãe da Isabela, de 14 anos de idade.

Quando pequena, era uma garota tímida que se escondia na biblioteca da escola. Os livros foram seus primeiros melhores amigos. Impressionava-se como uma escritora ou escritor que não a conhecia poderia compreender tão bem o que ela sentia. Em seguida, começou a escrever suas próprias histórias e costuma dizer que a escrita foi sua primeira voz antes que tivesse coragem de subir nos palcos, palestrar e falar para centenas de pessoas.



Vanessa Passos. Foto: Divulgação



Vanessa Passos. Foto: Divulgação

A decisão de cursar Letras na Universidade Federal do Ceará veio da paixão pela leitura, escrita e ensino. E sua obsessão pelo estudo sobre literatura e processos de criação literária continuou ao longo dos anos. Fez mestrado e doutorado em Literatura (Universidade Federal do Ceará - UFC) e Pós-doutorado em Escrita Criativa (Pontifícia Universidade Católica - PUC).

Durante esse período, ouvia na academia que “autor bom é autor morto”. Foi quando começou a militar em prol da causa da importância de ler autoras vivas. Mesmo com toda a resistência, decidiu escrever seus livros, se tornar uma escritora profissional, que não apenas escreve, mas que também publica, divulga e vende seus livros.

A ousadia, que é um dos seus lemas, começou desde cedo, quando, aos 26 anos de idade, decidiu pedir exoneração do concurso público como professora efetiva do Estado do Ceará para viver integralmente de literatura. Chamada de louca várias vezes por todos, peitou seu sonho com planejamento e estratégia e sua empresa no ramo do empreendedorismo literário atualmente fatura quase 7 dígitos ao ano.

OBRAS E PREMIAÇÕES

Vanessa Passos acumulou, além de títulos universitários na área da Literatura e da Escrita Criativa, muitos prêmios com seu romance de estreia publicado pela José Olympio *A filha primitiva*, que foi vencedor do Prêmio Kindle de Literatura (2021), do Prêmio Jacarandá (2022) e do Prêmio Mozart Pereira Soares de Literatura (2023). Além disso, o romance vai ser adaptado para o cinema pela Modo Operante Produções e dirigido pela cineasta premiada Susanna Lira. A obra será também publicada em Portugal pela editora Língua Mátria.

O livro conta uma história de amor e ódio, violência e redenção. Ambientada em Fortaleza, *A filha primitiva* traz luz e sombra para uma geração de mulheres: avó, mãe e filha – unidas pela dor e pelo abandono, separadas pela fé, pelo ceticismo e pelos segredos que guardam. Uma avó negra que esconde quem é o pai da filha. Uma mãe branca que escreve para preencher as lacunas de sua vida e rejeita a maternidade. Uma filha que recebe a raiva de mãe para filha e já nasce sentindo a dor de ser mulher. Uma ficção imersa numa crueza de linguagem e calcada no real que transforma uma história de ancestralidade em grande literatura. O romance premiado já acumula mais de 4.500 avaliações.

Vanessa é também autora de outras obras, tais como: *Manual de estilo e criação literária* com a artesã Lygia Bojunga (Letramento, 2018); *Fábrica de histórias* (Papellisa, 2019), e *A mulher mais amada do mundo* (Luazul, 2020). Este último é um livro de contos que foi reeditado pela Caravana Grupo Editorial no Brasil com contos e ilustrações inéditas e foi traduzida para o espanhol sob o título “*La mujer más querida del mundo*”.

É também colunista do PublishNews, idealizadora do Programa 321escreva, do Método Mais Vendidos, do Encontro Nacional de Escritoras, da Mentoria Voz Empreendedora, do Programa Acelerador de Carreira, orientando centenas de escritoras a escrever, publicar, divulgar seus livros e viver de literatura.

A formação mais recente da escritora é a pós-graduação em Cinema pela Belas Artes Ead, em São Paulo. Vanessa defende que o diálogo com outras artes, como o Cinema, possibilita que um público maior possa ter acesso a esse universo artístico. “A literatura não se encerra em si mesma. Hoje, também como roteirista e na direção de um projeto audiovisual, tenho ainda mais consciência disso.”, destaca.

TURNÊ LITERÁRIA INTERNACIONAL

Em 2024, a escritora iniciou a realização de eventos internacionais com o objetivo que seu romance, já best-seller na Amazon e na 5ª edição impressa do livro pelo Grupo Editorial Record, alcançasse ainda mais leitores fora do Brasil e mundo afora. A turnê literária começou em maio de 2024, em Portugal, seguiu para Argentina, em agosto, passou pela França, em novembro, e retornou a Portugal em junho de 2025.

Para Vanessa, a carreira internacional é fruto de um trabalho construído há muitos anos. “Significa fazer a literatura brasileira chegar em novos leitores, fortalecendo a cultura latino-americana, e ainda, dando destaque à escrita feita por mulheres.”, explica.

Em Portugal, um dos focos da turnê foi também a interação e diálogo com o Brasil, de maneira que a pluralidade proporcionasse um enriquecimento literário, visando a união de forças a fim de criar oportunidades para que as mulheres tenham vez e voz.

A turnê francesa representou um marco em sua trajetória como escritora e empresária. “Por um lado, é bom ver a literatura brasileira ganhando o mundo. Por outro, fortalecer a relação entre Brasil e França no que se refere à literatura e à economia criativa, também é muito significativo.”, comenta.

As programações foram diversificadas, incluindo workshops de escrita, clube de leitura, saraus, roda de conversa, palestra inédita sobre empreendedorismo literário, na Chambre de Commerce du Brésil en France (CCBF), ateliê de escrita no Museu do Louvre e lançamento de “A filha primitiva” na Librairie Portugaise & Brésilienne, e na 95ª Feira do Livro de Lisboa, um dos eventos mais importantes de Portugal. Em 31 de maio, realizou também o I Encontro Internacional de Escritoras, em Lisboa, reunindo escritoras do Brasil e de Portugal em um evento com palestras, networking e pitch editorial.

**“Escrever é romper com o silêncio”
(Chimamanda Ngozi Adichie)**

COMUNIDADE DE ESCRITORAS E PRÊMIO LITERÁRIO VOZ

Ciente do machismo estrutural, tanto no mercado literário, quanto no empreendedorismo, Vanessa Passos atua para que essas barreiras possam ser quebradas a fim de que as mulheres alcancem um lugar de destaque e de reconhecimento devido ao próprio trabalho.

O maior orgulho da escritora é ser mentora e liderar uma comunidade de escritoras ousadas que tem voz em mais de 12 países. Vanessa acredita no fortalecimento feminino e colaboração entre mulheres.

Em maio de 2024, lançou a 1ª edição do Prêmio Literário Voz para viabilizar o acesso e permitir que a voz das escritoras sejam ouvidas e reconhecidas por meio da escrita e da publicação. “A gente sabe que o mercado editorial ainda publica mais homens do que mulheres e ainda dá mais espaço na mídia e imprensa para autores.”, salienta.

As estatísticas confirmam que na esfera das grandes editoras ainda predominam obras escritas por homens. Cerca de 70% dos livros publicados, de acordo com pesquisa desenvolvida pelo Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea, coletivo de pesquisadores vinculado à Universidade de Brasília (UNB).

O Prêmio Voz veio preencher essa lacuna, incentivar e reconhecer a produção literária de mulheres, de modo que se viabilize o lançamento destes livros, promovendo também um retorno financeiro pelo trabalho literário feminino.

Vanessa, por fim, afirma que conseguiu se realizar de fato com a escrita, pois acredita que encontrou nas palavras a liberdade que desejava na sua vida. Segue com a missão de oportunizar que mulheres expressem sua voz por meio da escrita e deixem um legado no mundo através da literatura e do empreendedorismo literário.

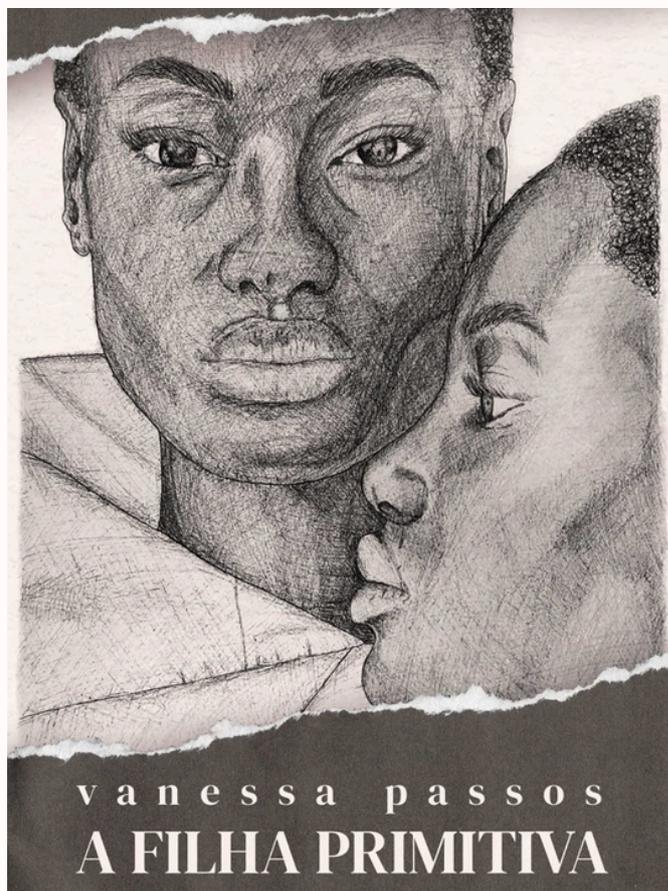


Foto: Divulgação

“Já era tempo de parar de mamar, mas a menina continuava agarrada ao peito. No fundo eu gostava, porque era o único momento em que eu me sentia mãe de verdade. A menina sugando de dentro de mim a mãe que eu não era.”

“A fome ensinava a ser criativa. E essa mesma fome eu também tinha, de outro jeito. Vontade de escrever e criar histórias para tapar os buracos que faltavam.”

“Agora me dei conta: a chegada da menina me engravidou de novas palavras. Fico pensando que escrever é um parto infinito. A gente vai parindo devagarzinho, letra por letra, que se não saem ficam encruadas dentro fazendo mal, ferindo a gente feito felpa que entra no dedo. Tem que tirar com agulha, espremer o pus. Dói parir palavras. Dói mais ainda viver com elas dentro.”

“Esquece tudo o que eu falei e lê. Não quero sua mão engelhando feito a minha de tanto lavar roupa pros outros. Quero tua mão cheia de calo de tanto escrever e tua vista cansada de ler. Toma, pega logo esse livro. Anda, tira o lápis e o caderno da bolsa e escreve teu nome completo dez vezes. Não, dez é pouco, cinquenta. Depois escreve o meu também.”



Foto: Divulgação



Vanessa Passos é escritora, roteirista, professora de escrita criativa, doutora em Literatura (UFC) e pós-doutora em Escrita Criativa (PUCRS), sob orientação de Luiz Antonio de Assis Brasil. É idealizadora do Programa 321escreva, do Método Mais Vendidos e do Encontro Nacional de Escritoras. Lidera uma comunidade de escritoras que tem voz em mais de 9 países, orientando centenas de escritoras a escrever, publicar e divulgar seus livros. Autora do volume de contos *A mulher mais amada do mundo* (2020). Seu romance de estreia *A filha primitiva* foi vencedor do Prêmio Kindle de Literatura (2021), do Prêmio Jacarandá (2022), do Prêmio Mozart Pereira Soares de Literatura (2023) e vai ser adaptado para o cinema pela Modo Operante Produções, agora publicado pela José Olympio. É colunista do *Jornal O POVO* e do *PublishNews*. Nas redes sociais, a escritora pode ser encontrada no perfil:

Instagram: @vanessapassos.voz

YouTube: @vanessa.passos

Site: <https://vanessapassosvoz.com/>



Foto: Divulgação

“A FILHA PRIMITIVA” DE VANESSA PASSOS

Ana Paula Marques

“A filha primitiva” de Vanessa Passos é a sua obra mais conhecida atualmente, que foi consagrada com os Prêmios Kindle de Literatura (2021), Jacarandá (2022) e Mozart Pereira Soares de Literatura (2023), tendo sido publicada pela José Olympio, uma das mais tradicionais editoras em atividade no Brasil, fundada em 1931. A obra será adaptada para o cinema pela Modo Operante Produções. Em uma entrevista, Vanessa disse que o livro: “conta a história de uma geração de três mulheres: uma avó, uma mãe e uma filha. É um livro que tem como temáticas centrais a maternidade, desromantização da maternidade, o racismo e a violência”.

Ana Paula Marques é natural de Fortaleza-CE, graduada em Engenharia Elétrica e em Matemática. É poetisa e audiodescritora da Revista Sarau. Membro da Academia Antônio Bezerra de Letras e Artes (AABLA) e do grupo de poetisas Mulheres Poesis. Escritora participante do livro Educação em Revista, das antologias A Felicidade Pós-Moderna, Poetas Nordestinos Vol.1, Vida em Poesia e da Coletânea, Pão de Letras na Terra da Luz. Publicação da poesia “Paratletas” na Revista Pontinhos do Concurso Literário (julho/2024), realizado pela I Feira Literária Inclusiva do Instituto Benjamin Constant (IBC). Conquistou o 2º lugar (2024), 1º lugar (2023) e o 4º Lugar (2022) no Concurso de Microconto da União Brasileira de Trovadores.

A escritora é idealizadora do Programa 321escreva, do Método Mais Vendidos, do Encontro Nacional de Escritoras e da Mentoria Voz Empreendedora, bem como é colunista do Jornal O POVO e do PublishNews. Atua também na área de empreendedorismo literário, com sua empresa Vanessa Passos Voz, onde lidera uma comunidade de escritoras, em mais de 9 países, orientando-as para escrever, publicar e divulgar seus livros.

Vanessa é uma jovem cearense com uma carreira dinâmica e promissora, que impulsiona de maneira significativa o sonho daqueles que desejam escrever e florir o imenso jardim da literatura.

COMPREENDENDO A CRÔNICA DE RAYMUNDO NETTO

Luiza Pontes

Sento-me na cadeira acoplada à mesa de escritos, como sempre. Nas segundas-feiras, preparo meus alfarrábios da semana, mais precisamente as minhas aulas de Interpretação Textual, e, ao longo dos anos, venho recortando algumas crônicas de alguns autores cearenses que semanalmente publicam no jornal “O Povo”.

Esta prática tinha começado com a coleção de algumas crônicas de Airton Monte e também Fernanda Pessoa, e sempre seleciono algumas delas para ler e interpretar em sala de aula. Creio que é uma forma para deixar a Literatura Cearense viva em sala de aula. Em especial, guardo uma crônica antiga de Raymundo Netto denominada Chuvantiga: crônica n.º 1”, datada de 11 de fevereiro de 2017, onde o estimado autor publicava aos sábados, diferenciando dos dias atuais com suas crônicas publicadas nas segundas-feiras.

Neste texto, percebo latente as lembranças do autor relembando a trajetória de um barquinho de papel que deslizava pelas águas frias das chuvas, situado nas coxias das ruas do Monte Castelo, sem pressa, de forma efêmera, antes que o mesmo se desmanchasse, incorporando, assim, algumas aventuras do mundo das infâncias, relembando a “Chuvantiga” ao misturar gotas de suor com as da chuva, buscando constantemente as bicas para tomar banho.



Foto: Divulgação

É possível perceber o cheiro de terra molhada das lembranças contantes do autor, inclusive o barulho da chuva no tac-tac que ficava repenicado no telhado, trazendo na memória o cumprimento dos guarda-chuvas pretos trazidos pelas pessoas que passavam nas ruas, o som das águas e, inclusive, o latido dos cães e a correria das donas de casas para tirar a roupa do varal, para não molhar.

Por ser manhã, é possível imaginar o café passado no pano, com leite, pão francês ainda quentinho, juntamente com o uso da embalagem da manteiga de lata. Imagens cotidianas resgatadas para o escrito criativo da crônica. Um escrito que nos permite deliciar nossas reminiscências e boas lembranças que ficaram imortalizadas em nossas essências.

LUIZA PONTES - Professora, Pesquisadora, Escritora, Dramaturga, Atriz e Diretora Teatral. Participou de coletâneas e antologias com a Academia da Incerteza, com o Grupo Resistência Mandacaru, com a Revista Sarau. Trabalha com performances teatrais, confecção de Scrapbook, participa de saraus da AABLA, da Revista Sarau, do Clube de Leitura Conversa, do Mulherio das Letras no Ceará, do Coletivo Lamparinas de Literatura Infantil...



Raymundo Netto. Foto: Divulgação

DESCONFIANÇA

Há meses Giselda desconfiava de Artur, o marido.

Puxava conversa, vasculhava e cheirava suas roupas, revolvava a carteira, ligava para o trabalho dele sem motivo aparente, mas não conseguia apurar nada. Mesmo assim, estranhava as suas atitudes: do jeitão indiferente à gentileza excessiva: “Tem caroço nesse angu!”

Inconformada, confessa para a irmã, em prantos, a sua dúvida. Juliana, por ainda ser solteira ou por qualquer outro motivo, manifestou certa satisfação: “Tá vendo, maninha? Homem é tudo igual. Não presta. Por isso não caso!”

Giselda, aflita, suplicou: “Você precisa me ajudar. É reservada, esperta. Descubra se ele me trai!” Juliana, ainda com um sorrisinho, aceita, mas já garante: “Todo homem trai!”

Com disponibilidade e muito empenho, Juliana passa a segui-lo. Checava que horas chegava ao trabalho, que horas saía, onde almoçava e com quem, perseguia discreta o seu roteiro de ônibus, conferia mensagens de celular e páginas de redes sociais, provocava assuntos mais íntimos, quando a irmã estava ausente à mesa, e ela mesma passou a fuçar as roupas, armário e as coisas dele.

Não demorou muito e, sem descobrir qualquer evidência, irritou-se. Não mais se escondia em sua perseguição diária, interrogando-o por qualquer coisa, ligando para o escritório, e abordando-o na rua, caso ele estivesse conversando com qualquer estranha. Um verdadeiro cão de guarda.

Numa manhã, ao acordar, soube que ele viajara. “Uma reunião, por conta do escritório”, explicou Giselda, com muita naturalidade. Ela se danou: “Sua tonta, você não entendeu? Que oportunidade! O malandro vai se aproveitar. Ah, vai!”

Naquele dia, sua indignação converteu-se em ira e, à noite, não conseguiu pregar os olhos. Ainda pela manhã, impacientava a irmã: “E o canalha ainda não voltou? Homens!” Chegou a ligar para ele e cobrar o seu retorno imediato. E ele voltou. E, ao voltar, no quarto ao lado da cunhada, a cama do casal parecia tropejar: “Cínico! Tem culpa aí, só pode!” Assim, pela primeira vez, sentiu a dor pungente de uma solidão.

Na manhã seguinte, sendo-lhe insuportáveis os paparicos e olhares lascivos do casal, Juliana dispensa o café da manhã e se queda ao portão a mirar a vida a passar furtiva na calçada, quando Artur, finalmente, sai da casa. Parou, sorriu para ela, lhe perguntou qualquer bobagem ao ouvido. Ele é doce e dá-lhe um beijo no rosto. O coração de Juliana, então, curvou-se à apoteótica conclusão: estava perdidamente apaixonada pelo cunhado. Ela abriu o portão e saiu, seguindo o rumo do nariz, entorpecida de qualquer coisa mundana. Descortinava-se um outro mundo, injustificado, porém alucinante.

Naquela noite, ela chamou a irmã ao seu quarto escuro. Giselda estranhou o tom austero e sentou-se ao seu lado na cama.

Juliana, com olhos em lágrimas, pegou a sua mão e diz que descobriu tudo. Ela estava certa. O marido a traía e ela própria, Juliana, era a causadora do infortúnio da irmã. Contudo, diante da torpeza de sentidos e assombro de Giselda, sem remorso, arrematou: “Trair com a irmã é até uma prova de amor!”

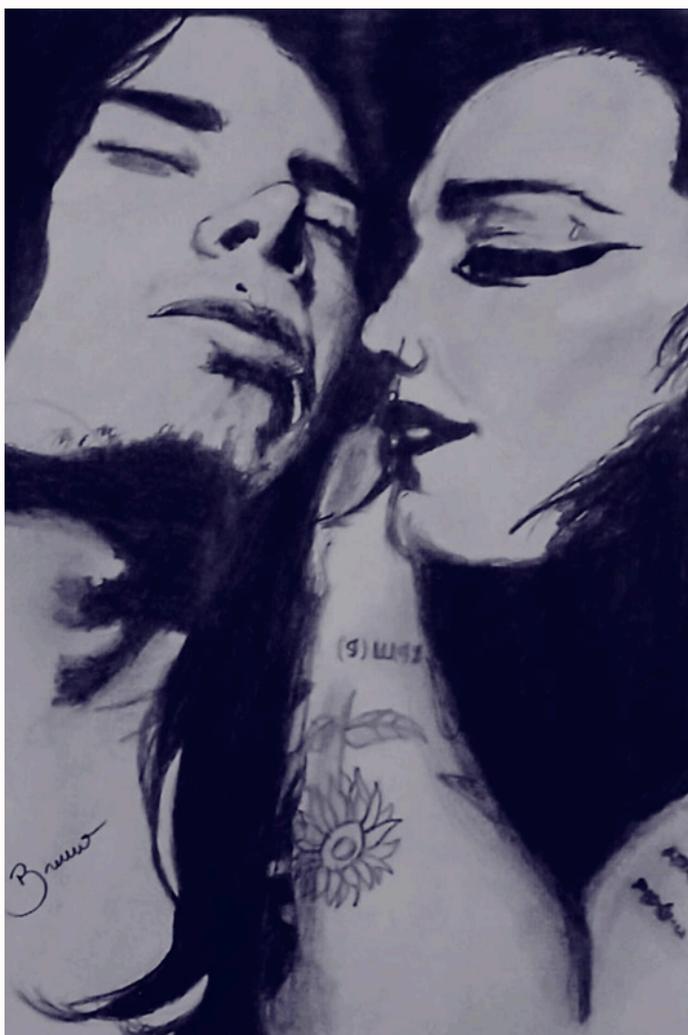


Texto originalmente publicado em Coisas Engraçadas de Não se Rir (Fundo de Quintal, 2024), do jornalista, escritor, editor, produtor cultural e de conteúdo audiovisual Raymundo Netto

Raymundo Netto é escritor, editor, quadrinista e produtor cultural. Autor do romance "Um Conto no Passado: cadeiras na calçada", ganhador do I Edital de Incentivo às Artes da Secult (2005), da coletânea de contos "Os Acangapebas", ganhadora do Prêmio Osmundo Pontes da Academia Cearense de Letras (2011) e do Edital de Literatura da SecultFOR (2007), de "Crônicas Absurdas de Segunda", ganhador do Edital de Incentivo às Artes da Secult/CE (2014) e finalista do Prêmio Jabuti (2016), da coletânea de crônicas "Quando o Amor é de Graça!", ganhadora do Edital de Incentivo às Artes da Secult (2017), dos ensaios "Cronologia Comentada de Juvenal Galeno" (2010, Secult) e "Centro: o coração malamado" da Coleção Pajeú (2014, SecultFOR), "Nilto Maciel: perfil biográfico", da Coleção Terra Bárbara (EDR, 2018) e "Padre Cícero: o filme" (2018); e dos infantojuvenis "A Bola da Vez" (EDR, 2008), "A Casa de Todos e de Ninguém" (EDR, 2009); "Os Tributos e a Cidade" (EDR-Sefin, 2011); "Boto Cinza Cor de Chuva" (EDR, 2014) e "A Galera se Liga em Cidadania!" (EDR-Sefaz, 2014). Cronista convidado do Caderno Vida & Arte do jornal O POVO desde 2007. Coeditor das revistas literárias "CAOS Portátil" e "Para Mamíferos" e curador da revista Maracajá (2019); coordenador de Políticas do Livro e de Acervos da SECULT, responsável pela coordenação editorial das suas coleções (2008-2011), membro do Conselho Curador da IX Bienal Internacional do Livro do Ceará (2009), redator e elaborador do Prêmio Literário para Autor Cearense (2010) e coordenador da I Feira do Livro do Ceará em Cabo Verde (2011). Autor das tiras em quadrinhos "Os FitoManos" e autor de cartilhas educativas em quadrinhos para a Prefeitura de Fortaleza, Governo do Estado do Ceará, Ministério da Saúde, Dert e entidades de direito privado. Seu projeto "Curso Básico de Histórias em Quadrinhos" (EaD) foi ganhador do Troféu HQMIX. Atuou como roteirista e coordenador de alguns documentários, entre os quais "A História das HQs no Ceará" e "Padre Cícero: o filme". Recebeu a Medalha Boticário Ferreira em 2012 pelos serviços realizados em prol da cultura. É gerente editorial e de projetos da Fundação Demócrito Rocha desde 2012. Mantém, desde 2009, o blog AlmanacULTURA.

ARTE

VISUAL



Desenho feito a lápis 6B em papel A4, inspirado na música “Never tear us apart” (Jamais poderão nos separar), da Banda de Rock INXS (Sydney-Australia - grupo em atividade de 1977-2012).

Bruno Xenofonte Gadelha é artista plástico e quadrinista, com atuação marcante nas Artes Visuais Contemporâneas e na Linguagem dos Quadrinhos Autorais. Seu trabalho transita entre o experimental e o narrativo, explorando temas ligados à memória, identidade e atravessamentos culturais. Com um traço singular e uma abordagem poética, Bruno vem conquistando espaços.

Poliglota, em inglês e japonês, o artista tem ampliado o alcance de sua obra para públicos internacionais, culturais que dialogam com diferentes tradições visuais. Seu universo criativo é marcado por uma estética híbrida, onde influências do Mangá e da Arte Contemporânea se entrelaçam de forma orgânica e potente.

Atualmente, Bruno Xenofonte desenvolve projetos que conectam narrativas gráficas e experiências sensoriais, propondo uma leitura expandida do fazer artístico. Seu trabalho revela um olhar atento para o mundo, sempre em busca de novas formas de expressão e conexão.

O poema “Saudade” de Mia Couto na perspectiva da teoria de Mikhail Bakhtin

Denilson Marques dos Santos

“Saudade” (Mia Couto)

Que saudade
tenho de nascer.
Nostalgia
de esperar por um nome
como quem volta
à casa que nunca ninguém habitou.
Não precisas da vida, poeta.
Assim falava a avó.
Deus vive por nós, sentenciava.
E regressava às orações.
A casa voltava
ao ventre do silêncio
e dava vontade de nascer.
Que saudade
tenho de Deus.

O poema “Saudade”, de Mia Couto, é uma rica manifestação discursiva em que o eu lírico expressa um sentimento paradoxal: a saudade não de algo vivido, mas de um nascimento ainda por acontecer, e de um Deus que se apresenta na ausência. A leitura deste texto sob a perspectiva da teoria da linguagem e da comunicação de Mikhail Bakhtin permite identificar os múltiplos diálogos presentes no enunciado poético, revelando a constituição subjetiva do eu lírico em meio a um campo de tensões discursivas e ideológicas.

Segundo Bakhtin, todo enunciado é dialógico, ou seja, está sempre em relação com outros discursos, anteriores ou esperados. No poema, esta dialogicidade se manifesta de forma explícita, sobretudo nas falas atribuídas à figura da avó, representante da tradição familiar e religiosa: “Não precisas da vida, poeta. Assim falava a avó. Deus vive por nós, sentenciava.” Estas vozes não são apenas citadas; elas

entram em confronto com a voz do sujeito poético, que as reinscreve com distanciamento crítico, evidenciando a tensão entre o discurso herdado e a experiência subjetiva atual.

Além disto, o texto é marcadamente polifônico, outro conceito central na obra de Mikhail Bakhtin. A polifonia revela-se na coexistência de diversas vozes sociais: a do eu lírico, a da avó, a de Deus (silenciado), e até mesmo a do silêncio, que assume valor simbólico no verso “A casa voltava / ao ventre do silêncio”. Tais vozes não se anulam nem se fundem; ao contrário, mantêm sua individualidade, compondo um texto em que os sentidos estão sempre em movimento, abertos à interpretação e ao conflito.

No plano da alteridade, também essencial na teoria bakhtiniana, o sujeito poético não se apresenta como uma entidade autônoma, mas como alguém constituído na relação com o outro. A saudade de nascer e a saudade de Deus são, neste contexto, formas de expressar a busca por outro que dê sentido à existência. A identidade do sujeito se constrói no contato com vozes externas, como a da avó, mas também com ausências que o definem, como a de Deus, que não se manifesta diretamente, evocado na sua falta para o Ser Humano.

Outro aspecto importante da leitura bakhtiniana é a consideração do caráter histórico e social da linguagem. A fala da avó carrega consigo uma carga ideológica tradicional, representando uma forma de ver o mundo ancorada na fé e na resignação. Já

o eu lírico, ao expressar desejo de nascer e nostalgia do que nunca se viveu, propõe uma ruptura com esta tradição, buscando uma voz própria, sendo ela atravessada pela dúvida e pela dor da ausência.

Por fim, vale destacar que o poema de Mia Couto, enquanto gênero discursivo poético, permite a condensação e a sobreposição de sentidos, o que reforça a riqueza de seu caráter dialógico. O uso da linguagem figurada, a economia verbal e a força simbólica dos elementos como “ventre”, “casa” e “silêncio” colaboram para criar um espaço de tensão entre o passado e o desejo de futuro, entre o dito e o indizível.

Assim, a análise do poema "Saudade" de Mia Couto na perspectiva da Teoria Bakhtiana oportuniza compreendermos que o poema é mais do que a expressão de um eu isolado: trata-se de um enunciado povoado por vozes diversas e contraditórias, que revelam o sujeito poético em sua constituição dialógica e histórica. A saudade neste contexto, então, não é apenas um sentimento melancólico, mas também o gatilho-motor de uma busca por sentido, marcada pela alteridade e pela incompletude, elementos estes centrais nos estudos da linguagem e da comunicação de Mikhail Bakhtin.



Mikhail Bakhtin. Foto: Divulgação.

“Há dias em que uma saudade sem explicação toma conta de mim. É uma saudade que não parece ter um nome e nem uma razão para existir. Parece ser uma saudade de algo que nunca vivi e nem sei se ainda viverei. Pois, uma vida sem saudades é uma vida sem momentos memoráveis”(Santos, 2025).

MIA COUTO - UMA ESSÊNCIA

Lucirene Façanha



Foto: Divulgação

Muitos escrevem.

Mia escuta.

Os bichos, as sombras do tempo, o silêncio dos homens. Ele não inventa as palavras. Ele as planta. Cultiva o vento para com ele fazer as nuvens que molham a terra. Um mago das palavras. As savanas, a saudade, é a tinta que o leva a escrever o tempo, o seu lugar.

Ler Mia é andar descalço pelo continente. É beber do poço da alma. É descobrir o cheiro do tempo. É perceber a dança da dor.

Mia não escreve sobre o mundo, ele o redescobre, com olhos que transcendem, com a suavidade dos olhos de uma criança e a experiência das mãos de um velho.

"Quando já não havia outra tinta no mundo, o poeta usou do seu próprio sangue.

Não dispo de papel, ele escreveu no próprio corpo.

Assim, nasceu a voz, o rio em si ancorado.

Como o sangue: sem voz nem nascente."

Defende a importância de contar histórias, a valorização da cultura local e um olhar mais atento ao outro.

"Só me lembro que sou uma pessoa branca quando estou fora de Moçambique."

"Ninguém estava me ensinando sobre a injustiça, a sociedade era injusta onde eu estava vivendo, não posso ser eu, não posso ser feliz sem lutar contra isso."

Premiadíssimo e considerado um dos autores mais importantes, tal como Gabriel Garcia Marques, Guimarães Rosa,

Lutou pela liberdade de seu país e defende que as reparações históricas só fazem sentido se discutidas dentro do que os países africanos consideram justo e legítimo.

Lucirene Façanha - se fez escritora nos projetos do SESC, embora escrevesse desde criança. Pilhas e pilhas de diários e cadernos amarelados do conhecimento apenas de sua mãe. Graduada em História com Especialização em Ensino. Contos em e-book na Amazon: O Elo e Silêncio sobre o algodão. Livros físicos: O Homem na Janela, Hecatombe e Pedro e a noite de são João.

MIA COUTO

Maria Patriolino

Identidade

Preciso ser um outro
para ser eu mesmo

Sou grão de rocha
Sou o vento que a desgasta

Sou pólen sem inseto

Sou areia sustentando
o sexo das árvores

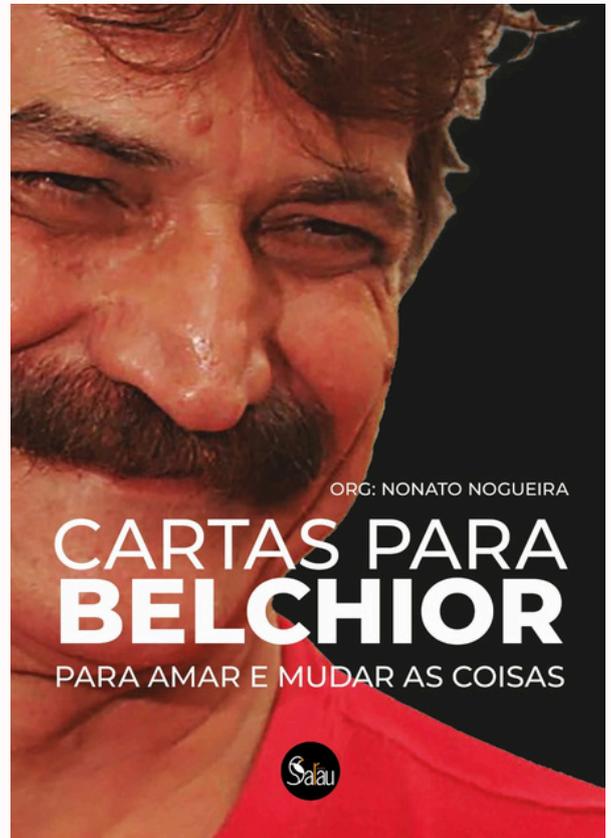
Existo onde me desconheço
aguardando pelo meu passado
ansiando a esperança do futuro

No mundo que combato morro
no mundo por que luto nasço.

Mia Couto, in "Raiz de Orvalho e Outros Poemas"

Mia Couto (Antônio Emílio Leite Couto) é um famoso autor moçambicano e, além de escritor, é professor universitário. Suas obras valorizam a tradição cultural de seu país. Nascido em 1955 na cidade de Beira. Ele é conhecido por sua prosa lírica e poética, que frequentemente entrelaça elementos da cultura africana. Trabalhou como jornalista durante quase 10 anos, porém ingressou na Faculdade de Biologia e, posteriormente, tornou-se professor universitário, profissão que concilia com a sua carreira de escritor. Seus livros muitas vezes apresentam uma narrativa rica em simbolismo e metáforas, com personagens que lutam para encontrar seu lugar em um mundo em transformação. Entre suas obras mais conhecidas estão: "Terra Sonâmbula", "A Varanda do Frangipani". Mia Couto é um autor da literatura contemporânea, e suas obras são caracterizadas, principalmente, pelo resgate da tradição cultural moçambicana por meio de uma linguagem marcada por neologismos.

MARIA PATRIOLINO é formada em Serviço Social, com atuação em CRAS, CREAS, Centro de Referência da Mulher e Casa Acolhedora de Sobral, Maria é também pós-graduada em Psicopedagogia. Autora, coautora em diversas Antologias Nacionais.



Lançamento em outubro de 2025

Reserve seu exemplar

(85) 9 88794891

Os lobos

Anna Maria Mello

Quando Tereza se deparou com Adriana sentada na escadaria do prédio, entendeu na hora. A menina vestia a calça vermelha com listra azul marinho, uniforme do Cristóvão, e apertava a mochila contra o peito, a sombra do corrimão ocultando os olhos. Tereza perguntou ei, tudo bem? Adriana levantou-se e como um foguete, correu rumo ao terceiro andar, onde morava.

Tereza mudara-se há pouco mais de três meses para Caxias do Sul, fugida de Pelotas, sabendo que a família ainda não possuía uma linha telefônica e que o contato com eles daquela distância seria quase inviável. Buscava recomeçar a vida em uma cidade um pouco maior, onde já arrumara emprego como secretária na Guerra, empresa que produzia implementos rodoviários nos anos 1970.

Vinha percebendo Adriana pelas ruas e pelo prédio, onde por vezes ouvia a mãe chamando a menina pela janela do terceiro andar, logo abaixo do apartamento 403, que alugava. Se preocupava com a menina que mesmo no meio da primavera usava mangas compridas e, cabisbaixa, nunca respondia aos cumprimentos de ninguém.

Mesmo na penumbra da escadaria, Tereza reparou em um hematoma roxo escuro se sobressaindo por entre os cabelos claros da menina, logo acima da gola e abaixo da orelha. O tipo de marca difícil de esconder e isso Tereza sabia por experiência própria. No espaço vazio deixado pela menina antes sentada nos degraus, ela encontrou um caderno encapado com capricho. Ao abrir, folhas sem pauta recheadas com desenhos bonitos, ainda que sem cor, feitos com lápis grafite 2B. Se surpreendeu com a habilidade da menina que não devia ter mais de dez anos e decidiu que aquele caderno seria a ponte para alcançá-la.

Dias depois, tocou o ombro da menina que, pelas grades do prédio, observava as outras crianças do bairro envolvidas em uma partida de taco.

— Encontrei teu caderno na escada esses dias. — Disse Tereza. — Tu és muito talentosa.

Adriana respondeu com um olhar assustado e Tereza reparou na mancha então amarelada ainda presente em sua clavícula, despontando discreta e brutal pela gola do uniforme. Tereza se apresentou como a vizinha do andar de cima e convidou a menina para buscar o caderno quando quisesse. É só bater no 403, tô sempre em casa esse horário. Viu Adriana fazer que sim com a cabeça, voltando a atenção para a partida de taco da gurizada.

Tereza não achou que a menina apareceria a sua porta tão cedo, porém se surpreendeu com a visita já no dia seguinte. Abriu a porta para que Adriana entrasse em seu espaço seguro, o semblante assustado se suavizando conforme familiarizava-se com o entorno. A mulher ofereceu gostoli a menina, recém frito na padaria da esquina e que Tereza comprou por acaso, motivada por uma ansiedade hormonal que a fazia desejar doces e frituras. Tirou da gaveta da cozinha um pacote de Kisuco de uva e misturou com água direto da torneira, servindo um copo para si, e outro para Adriana, que sentara-se a mesa forrada com plástico poá.

O caderno foi resgatado sem que a artista dissesse palavra, nem mesmo agradeceu pelo doce e pelo suco, porém sorriu ao sair, quando Tereza reforçou que voltasse sempre. A partir

de então, uma amizade silenciosa se estabeleceu entre elas. Adriana batia a sua porta duas ou três vezes na semana, ao fim do dia, largava a mochila em um canto da sala e partilhava um lanche preparado por Tereza na cozinha. As palavras foram preenchendo o apartamento a conta gotas. Primeiro um obrigada, depois um boa tarde, então Tereza perguntou como foi a aula e Adriana contou sobre a dificuldade que tinha com matemática.

Entre sucos e bolos, Tereza se tornou tutora involuntária de uma menina que mal conhecia. Se esforçava para lembrar das lições do colégio, não assim tão distantes, estando ela na casa dos vinte e poucos anos. As visitas irregulares se tornaram diárias e Tereza se apressava na saída do trabalho para não perder a condução e deixar sua jovem amiga a espera. Nestes fins de tarde, mantinha-se atenta as evidências ocultas pelas roupas cada vez mais fechadas que Adriana usava, mesmo que a primavera já tivesse se tornado verão.

Em uma das visitas Adriana, que sempre ia embora antes do por do sol, se demorou. Minha mãe está viajando hoje. Disse com uma voz miúda e Tereza deixou que a menina ficasse. Quando deu oito horas e nem a mãe, nem o pai apareceram procurando pela criança que folheava A hora da estrela em seu sofá, Tereza decidiu preparar a janta.

Reparou, quando sentaram-se a mesa, que a respiração de Adriana subira do peito aos ombros. Acabou perguntando sobre a viagem da mãe, descobriu que a vizinha fora resolver questões de família no interior. E o teu pai?

— Ele não é meu pai. — Adriana olhou para o relógio acima da porta e rasgou um pedaço do pão com margarina e mel antes de levá-lo a boca, a doçura escorrendo por entre os dedos da criança.

Tereza não sabia, mas em casa, Adriana estaria encolhida dentro da despensa. Lá havia construído um local secreto, improvisado. Levou seu caderno de desenho com o lápis 2B, uma lanterna, o terço que ganhou da avó na primeira comunhão, meses antes de sua morte. Lá dentro não conseguia ficar em pé, prateleiras cheias de farpas pendiam sobre a cabeça da menina. Ainda assim, sentia-se segura no espaço estreito, a única porta da casa que viera com chave e permitia que Adriana se trancasse. Ela gostava do modo como as claridade atravessavam as frestas da porta, quando a luz da cozinha estava acesa, porém isso indicava perigo, o lobo estava próximo e com fome. Quando ele a pegava, doía demais.

Fazia semanas que Adriana não precisava se chavar na despensa, graças as horas passadas no apartamento 403. Naquela noite, estava com medo de voltar para casa e se ver sozinha com o lobo. Não sabia como falar sobre o assunto com Tereza, mas queria que ela entendesse. Aquele jantar era um pedido de socorro.

— Quando tua mãe volta, Adri?

A menina deu de ombros, não sabia. Tudo o que a mãe disse ao sair naquela manhã foi que passaria uns dias fora, pediu que ela se comportasse e foi embora com o marido, que a deixaria na rodoviária no caminho para o trabalho.

Tereza não disse mais nada, tirou a mesa e ligou a televisão na sala, era hora da novela das oito, ou seja, hora de criança estar indo pra cama. Ainda assim, assistiram um capítulo de Pai Heroi, novela da Globo. A imagem de Tony Ramos entrava e saía de esquadro em função do mau contato que fez Tereza se levantar e dar batidinhas na lateral da caixa antes de mexer na antena. O ator desapareceu por completo, sendo substituído por uma imagem de ruído cinza, ainda que sua voz soasse clara pela casa. Quando conseguiu retomar o sinal, a cena já havia passado e a TV exibia um close do rosto de Glória Menezes. Uma batida firme na porta a fez soltar a antena e perder o sinal mais uma vez, dividindo o rosto da atriz em duas partes, uma cromática e outra esverdeada.

— O de casa? — Uma voz masculina atravessou a porta, seguida por outra batida.

Adriana se encolheu no sofá, usando uma almofada bordada como escudo. Tereza desligou a televisão.

— Adriana! — Uma única pancada forte na porta. — Tá na hora de ir pra cama e deixar a vizinha em paz. Tua mãe já ligou duas vezes.

A menina não se mexeu, seu olhar encontrou o de Tereza, também estática, em pé no meio da sala. O desespero que encontrou ali fez com que a mulher se movesse sorrateira até a porta. Uma batida mais forte lhe causou um sobressalto, viu a maçaneta se mover na tentativa do lobo de entrar na casa.

Tereza fez sinal para que Adriana puxasse a cordinha do abajur. No escuro completo, passou o trinco, deixando que o homem batesse até desistir. Tereza reconheceu nele o lobo da própria infância.



Foto: Divulgação

Anna Maria Mello, paulistana, graduada em história pela Universidade de São Paulo, (USP), cursou pós-graduação em formação de Escritores pelo Instituto Vera Cruz e na PUC-RS, a Oficina de Escrita do professor doutor Assis Brasil, com formação em conto. Mestre em Crítica Literária pela PUC SP, especializada em Literatura Contemporânea Brasileira e doutoranda em Processo de Criação Literária pela PUC SP. Atualmente faz parte do Grupo de Pesquisa de Literatura para Jovens da PUC SP(CNPQ). É autora de *Cabelos vão Cabelos vêm o que é que a Mamãe tem* (2017), coautora do livro *Da Janela* (2019). Entre 2017 e 2024, participou de diversas antologias publicadas em âmbito nacional. *Montanhas de Diana* (2024) é seu primeiro romance.

Outros

Bert Jr.

Canseira. Fugitivo sem ser procurado, rês desgarrada de bando fantasma. Desatino. Caminhar estúpido entre rotas sem destino. Feito corpo preso a funções feitas para teimar em seguir. A vista, cansada, já não admira a ida e a vinda de cada mirada.

Sai daí – diz o outro. Vem dar num rumo sem trilha – convida.

E dali passo a um chão diferente, não menos estranho. Cálido, talvez em excesso para pés que se arrastam e sonham parar. Porém esse é um sonho dos que a gente não lembra acordado. Sobra o perder-se. Das pisadas no solo constato, ao menos, o plano do terreno, que faz brotar a vaga noção de uma improvável vantagem. E talvez fosse, num contexto qualquer que tivesse sentido.

Sigo em frente, ou para trás, sei lá. Resmungo. O outro – calado, enquanto tudo não melhora.

Uma vegetação rasteira volta e meia se enrosca nos artelhos e adjacências das extremidades inferiores. Livrar-se dos embaraços aumenta a fadiga, mas compensa ao quebrar a monotonia da marcha. A partir de não sei quando, vou sentindo rarear a fiação vegetal. Agora já nada mais quase impede o arrastar-se dos pés. O terreno se torna menos compacto, recoberto com uma capa corrediça e granulosa. Dobro uma esquina invisível e me encontro com a ventania. Tomado de golpe pareço, no incapaz de avançar, quem se debateria em armadilha de areia. Alguém dentro de uma amпуlheta.

Sente esse cheiro, a umidade no ar – aparta o outro. Ele lá, eu cá.

Marea da, a areia já não escorre no vento. Olho em torno e é o mesmo desconsolo, só que novo de elementos. Penso: os grãos desse tempo é o que forma desertos. Os pés prosseguem, envoltos agora numa crosta áspera e farelenta. O mar se avizinha. Ressoa. Esparge gotículas. Maneja suas armas de sedução. Resisto. Sou do chão. Desconfio do que não se vê. A bruma de hoje, quem sabe o que esconde...

Prossigo já não, sim os pés. Porque o lambar das ondas é carícia que os anima. Ademais a brisa, transmutada de lado, vem dar impulso ao tronco. Assim as pernas ficam livres para apenas fazer andar a si mesmas. Do céu cinzento não quero presságios. Apesar disso, olho para a espuma e nela vejo o aéreo semblante, copiado nas bolhas que se rompem feito imenso dominó de peças explosivas, cuja infinita cadeia de estouros emudece as letras de um longuíssimo bilhete anônimo.

Estás vendo aquele ponto escuro lá adiante? Aves voando em círculo? Anda ver o que é. Acredita – ouço dizer o outro.

Vou na direção em que eu já vinha. Arenga não puxo. Insisto no rumo. Junto a um cômodo de areia feita parda pela sombra do próprio dia está o ponto do qual me aproximo. Se tivesse apostado, perderia. Porque em lugar de inabitável, são boas as condições em que se encontra a choupana. Faz-se evidente que há vida no local. Os restos de peixe, o carvão no fogareiro, o pote de sal, fatores na equação geral da subsistência humana. E as redes estendidas. Uma dentro, outra fora.

Deito na de dentro. O dia está fresco, apetece sentir-me abrigado depois de tanto tempo sem teto. Na penumbra da sala, pronto adormeço. O sonho me traz de volta um dia parecido aos recém-vividos. Uma claridade indefinida, que se insinua detrás de espessa barreira de nuvens. A aridez. Seu desconforto. Ao mesmo tempo, o não entregar-se de todo a outro contexto. A profundidade com seu repuxo, alçapão armado com isca de ondas. Remexo. Na rede me enredo. E a ânsia. Esse engasgo que vem e que vai. Um quase afogar-se sem água.

De olhos fechados, sinto pairar sobre o rosto uma tonalidade alaranjada e logo um calor formigando nas pálpebras. Abro apenas uma fresta numa delas, o suficiente para caber a silhueta plantada na soleira da única porta. O dia mudou, pensei. Ainda deitado, vou expandindo a vista. Busco entender. Um clarão solar invade o recinto. Cores novas, ou que havia esquecido, irradiam-me a visão. O dia mudava, sim, de uma forma inusitada. Um halo adorna o bulbo no topo da silhueta, de onde emergem fios incandescentes que fazem acender o dia. Acho que é isso. E também, quem sabe, a veste de malha, na parte superior do corpo, reagindo com delicadeza ao hálito marítimo do vento. Coisas que vêm à mente.

Sai daí. Levanta! – diria o outro.

É ela quem se move. Primeiro uma perna, logo outra, em passos curtos, decididos. Só então ergo-me um pouco. Lança-me a luz do olhar e já não sei se deito ou salto da rede. Volta-me as costas, em direção ao fogareirinho. Vejo suas pernas longas e rijas, curtidas do sol, em seu encaixe ondulado com o restante do corpo. Estou aqui, penso de mim mesmo. De repente, um par de metros desafia o andar de quem já caminhou tanto. Como faço, quero perguntar ao outro. Assombro-me ao saber o que ele diria – vai!

Olho em volta, enquanto ela permanece de costas. O outro não está.

- Moras aqui há quanto tempo? – ouço-me dizer, sem planejar.

- Não sei. Não conto os dias. E as horas tomam contagem delas próprias, têm o claro e o escuro para se guiar – responde ela, numa voz levemente rouca.

- Como te chamas? – indago.

- Não lembro. Queres me chamar como?

– responde a voz no corpo que gira em minha direção.

- Não sei – digo surpreso. - Deixa eu pensar...

-Pense o tanto que quiser. Eu vivo aqui. Segunda rede já tenho – oferece a moça.

Doideira. Convite de uma desconhecida a um estranho. Feito sem saber o próprio nome, sem sequer querer saber o meu. E o outro, que não volta...

Degluto o peixe que ela serve ao final da tarde. Mais salada de algas ligeiramente passadas no calor da brasa, com farinha. E água de coco, acrescida de gotas de maresia, para aplacar a sede e revigorar o ânimo.

Ao escurecer, sentamos do lado de fora, a pele renovada pelo efeito da brisa e de uma lua perto de ser redonda. Então ela pergunta de onde venho, para onde vou, por que me detive, qual o meu nome.

Apresento respostas mirradas, mas sinceras. Explico o possível: aquilo que para mim mesmo é pouco. Reconheço em seu rosto, rajado de claridade e sombra, os sinais da inquietação. Percebe no meu pouco um reflexo de si mesma? Talvez esteja no aguardo de um complemento à sua própria história. Não sei. Não espero saber.

Inclino a cabeça, sentado na areia com os braços retesados para trás, e percorro a imensidão, em busca de um sinal. Nenhuma estrela cadente cruza o espaço. Penso: o que diria o outro – arrisca, respondo.

Então começo a contar sobre um tal Cereu.

Cereu tinha nascido com a sina de estranhar tudo. Desde pequeno, era o desassossego de pensar diferente. A sensação de estar vivo, cercado de defuntos. E ao mesmo tempo de ser visto como um defunto. De ver o desapontamento dos outros porque suas medidas não correspondem às do caixão confeccionado para ele com tanto zelo. Na escola, o estranhamento dói com força redobrada. Assiste às aulas como zumbi. Não consegue fazer amigos. Seus trabalhos de grupo são solitários. Um dia, acorda e vê o outro, olhando sério para ele. Disfarça e persiste – diz o outro. Cereu resolve ouvi-lo. Termina o colégio e arranja um trabalho. No trabalho, se dedica. Arranja namorada. No namoro, se dedica. No trabalho, querem que as coisas não façam sentido. Ele reluta, é despedido. No namoro, o que é emoção tem que virar compromisso. Ele reluta, é despachado. Cereu quer parar de estranhar. É assim mesmo, a resposta do mundo é ser estranho – diz o outro. Normalidade é coisa dada. Quer viver noutro mundo? Inventa – exclama. Cereu toma coragem. Deixa tudo para trás e vai reinventar a vida noutro lugar.

- Carece se imaginar – diz a ouvinte, nova expressão na face.

- Sim. E dar-se conta – acrescento.



Foto: Divulgação

Bert Jr. é gaúcho de Porto Alegre, formado em História (UFRGS) e Diplomacia (IRBr). Sua experiência como diplomata o tem levado a diferentes países. É autor de dois livros de contos, três de poesia, um de crônicas, e do romance *Antes do fim do riso* (ed. Oito e Meio, 2024). É colaborador da revista eletrônica *Conexão Literatura*. Outros faz parte de seu segundo livro de contos, intitulado *Do incisivo ao canino* (ed. Versiprosa, 2022).

Site: www.bertjr.com.br

Instagram: @bertjr.escritor

- Dar-se conta... – repete. - Meu nome é Estela.

Tudo acontece sem plano nenhum. Apenas porque os elementos que importam estão todos reunidos: terra, céu e mar. E ainda, talvez porque estejamos alinhados a uma constelação auspiciosa, pairando diretamente acima. Por isso, simplesmente nos aninhamos sobre a areia e passamos a viajar um no outro, sem pressa.

De manhã cedo, nos vemos acordando aos poucos, um ao outro, seu sorriso um adorno feito para realçar a luz, toda luz.

E agora, o que diria o outro? Vive – sei que diria.

Com uma animação bem-vinda, no corpo e na voz, conto a Estela sobre o outro. Todos os conselhos que dele ouvira. E sobre como, de repente, passara a saber o que o outro iria me dizer.

- Desde ontem, quando nos conhecemos, não o vejo – comento, não sem trair inquietude.

Dela escapa um riso curto, de quem se deixa insinuar algo que os demais não suspeitam.

- Que foi? – indago. Sabes onde está o outro?

E ela, com naturalidade, apontando ao longe, na direção de um dos pontos cardeais:

- Fugiu com a outra.

Moldura

Clovis Ferraz Wey Junior

São duas fileiras de veículos, a maior parte automóveis, parados num semáforo de três fases. Demora para passar.

Ele sabe disso. Basta percorrer com calma a contramão da rua, vazia, porque nessa fase o fluxo segue em outra direção.

Um SUV branco dá sinal de querer passar para a fileira da esquerda, pois pretende seguir nessa direção. A outra opção levaria a seguir em linha reta, descendo para outro bairro. Um senhor de idade, cabelos brancos, entra lentamente à frente de um carro que lhe deu passagem, raridade num trânsito tão congestionado. Cuidadoso em seus movimentos, mas, nada discreto ao exibir uma grossa aliança de ouro na sua mão esquerda.

Ele sabe quem vai adorar esse belo anel; pelo tamanho, ela vai ter que pôr no seu polegar, ou preso por outro anel em qualquer dedo. Ela em alguns dias, talvez ele em outros. É uma aliança grande, vai precisar de alguns ajustes. Senão, vender para ganhar alguns trocados. É ouro, com certeza, o amarelo dourado brilha mesmo à distância.

Tira a pistola do bolso, encosta a motocicleta ao lado do SUV e bate com o ferro do cano no vidro. O velho quase pula do banco. Agita a arma indicando para ele abrir a janela, o que faz imediatamente. Obediente. Bom.

- As alianças, grita agitado, as alianças!

Ao lado, a parceira abre as mãos sem anéis. O velho tem alguma dificuldade para tirar o anel, deve ter engordado muito na sua vida de burguês.

- Rápido, rápido!

Arrancada do dedo, o belo anel dourado escorrega para sua mão.

- Desliga o carro!

O velho parece surpreso com a ordem. Não entende que o próprio carro dele é uma arma, e que pode usar para atacá-lo. É uma criança, não sabe de nada!

Carro desligado, ele passa à frente do SUV, agora sem medo de qualquer reação, segue por entre as duas fileiras de carros parados. Assim ele pode escolher se segue ou se vira, dependendo das luzes do sinal luminoso. Obviamente, prefere ir em frente, pois o velho obediente virará à esquerda, para longe dele.

Alguma tensão, um serviço ligeiro e bem resolvido. Com cuidado, aquela esquina pode render muito.

Escorregou pistola e anel pelo bolso de seu casaco. Ganhou uma manhã de trabalho, fácil, aliás.

“Ela vai colocar numa corrente no pescoço, e deixar o ouro emoldurado pelo seu corpo. Ela gosta de inventar essas coisas.”



Foto: Divulgação

Clovis Ferraz Wey Junior é escritor, pesquisador e físico de formação. Recebeu Menção Honrosa do Prêmio Graciliano Ramos da UBE pelo romance "A Névoa". Também o romance histórico, "Tembetá" (Confraria dos Ventos). Publicou o romance "O Acidente", edição do autor. Publicou o livro de poesias "Pátina" (Massao Ono, editor). Apaixonado pela natureza, literatura, matemática e ciências desde sua adolescência, formou-se como Bacharel em Física pela Universidade de São Paulo (USP). Pós-graduado na Université Louis Pasteur, Strasbourg, France (com Professor José Leite Lopes). Mestre em Física Teórica pela USP (Summa Cum Laude). Defendeu Tese sobre Eletrodinâmica Quântica (com Professor Gil da Costa Marques). Foi Professor e Pesquisador do Departamento de Física Matemática da USP. Paulista, casado, pai de dois filhos.

ABRA EM 2020

Denis Amaral

Margarida,

Me desculpe pela péssima caligrafia; fazia muito tempo que não escrevia à mão. Abri a gaveta da minha escrivaninha no escritório e encontrei uma Montblanc que meu pai me deu quando fiz dezoito anos.

São 3h40 da manhã, então sinto que posso simplesmente escrever o que vem à minha mente – sem me preocupar em editar. Sabe, filha, o coração fala as nossas verdades. Quando você crescer, vai descobrir que são nos momentos em que estamos mais relaxados que a verdade sai. Mas vai descobrir também que é quase impossível passar 24 horas sem tensão alguma.

Enfim... escrevo porque me sinto inseguro de dizer tudo isso a você, e depois ficar remoendo: “será que ela entendeu alguma coisa do que eu disse?”, ou “será que eu disse algo que não deveria ser dito”? Afinal, você é apenas uma criança.

Inclusive, vamos falar sobre isso. Se você obedecer à minha solicitação e abrir isso em 2040, você terá dezoito anos. Isso significa que você já deve ter passado longos anos se perguntando por que diabos seu nome é Margarida. Bem – nunca se sabe: o nome pode ser uma tendência aí no futuro. Posso te garantir que não era no ano em que você nasceu. Sua mãe e eu escolhemos seu nome com muito cuidado. Sem delongas: margaridas são delicadas, mas ao mesmo tempo ninguém consegue passar por elas sem nota-las. Elas possuem uma beleza sutil. Que vem de dentro pra fora.

Mas o principal motivo não é este. Preste bem atenção! Veja bem; você pode ser maior de idade, mas eu ainda sou seu pai. Margaridas estão em todo o canto. Às vezes são até consideradas daninhas. Sim, odeio escrever isso num papel para minha princesinha; mas o mundo é mesmo cruel. Existem pessoas capazes de olhar uma flor dessas e dizer que apareceu sem ser convidadas – e, pior: pararem aquilo que estão fazendo para ir em sua direção e a

arrancar pela raiz, tirando qualquer chance de explicação por parte da planta. Existem coisas que simplesmente não conseguimos evitar. Mas, enquanto estão lá, as margaridas são resilientes. Elas sobrevivem a tudo. E com louvor. Com a cabeça erguida.

Pois bem, aí está. Quando sentimos você se mexer dentro da barriga da mamãe, desejamos que você fosse como uma margarida. E quando olhamos nos teus olhos cor de mel, tivemos a certeza de que este nome era seu, e que você pertencia a este nome.

O nome da gente é coisa séria. Nunca deixe ninguém tirar um sarro com seu nome. Se alguém passar muito dos limites, lembre-se desta carta. Lembre-se do papai. Onde quer que ele esteja.

Filha, como eu te amo. É curioso que peguei papel e caneta para tirar da minha mente tudo aquilo que me perturbava, mas foi só escrever sua abençoada graça que me distraí fazendo juras de amor – e tentando explicar minhas falhas como pai.

Mas a angústia está apertando meu peito como se meu suéter tivesse encolhido dois tamanhos na máquina de lavar. Tenho que ser sincero: três da manhã não é horário pra se estar acordado. Nem para os adultos. Enquanto escrevo, consigo escutar aquele chiado fino do silêncio. Todos os insetos, animais, todo o mundo dorme. Eu queria estar dormindo também. Mas um pesadelo me acordou.

Sonhei que ia ao médico, e que ele me diagnosticava com um tumor no cérebro. Despertei suando frio, e tive a sensação de ter dado um grito absurdo. Mas sua mãe não acordou, então o grito deve ter sido no sonho. Saí de fininho e vim aqui escrever sua carta.

Você é tão pequena, e já sabe quão dramático o papai consegue ser. Sorte da sua mãe, que tanto gosta de me criticar, que o streaming ainda não me descobriu. Eu podia ser um ator famoso, e viver em turnês por aí. Eu sei; isso pode ser nada. Mas eu tenho tido crises de tontura e dores de cabeça

nsuportáveis. E este sonho me pareceu tão real. Quando a gente acorda de algo tão intenso, não sabemos muito o que é verdade e o que não é. Enquanto escrevo, minha cabeça parece ter dado uma trégua. É como se a doença estivesse me dando a chance de me despedir.

Por isso vou levar a sério os próximos minutos que tenho. Talvez sua mãe apareça perguntando o que estou fazendo aqui embaixo. Basta que ela acorde por um segundo e veja que não estou ao seu lado. Critica, mas não vive um segundo sequer sem o seu rei do drama.

Margarida, a vida é curta. É um sopro. Somos criados para acreditar que temos algum controle sobre ela, mas a verdade é que pouco controle temos. As coisas acontecem, e enquanto estamos reagindo, passam a acontecer novas coisas. Quando conseguimos tirar a cabeça para fora d'água, já não reconhecemos o lugar onde vivemos. Se tivemos sorte, reconhecemos algo em nós mesmos.

Quando me casei com sua mãe, meu sonho era ter filhos. E, se reflito sinceramente, acho que este seria meu sonho independente de tudo o que tivesse acontecido em minha vida antes. Hoje fica mais do que claro pra mim que só quem tem a sorte de ser agraciado por um filho sabe o que é a vida de verdade. O que nunca me contaram é que do minuto em que isso acontece, você passa a finalmente saber, mas também a temer. Isso porque a vida é este sopro do qual temos quase nenhum controle.

Sem que nos demos conta, invariavelmente passamos a refletir sobre os anos que já passaram. A pensar “meu Deus, estou na metade da minha vida” quando chegamos aos quarenta. No meu caso, posso estar nos últimos 2% da minha vida. Quem sabe.

Não adianta olhar pra trás, se isso não for te dar algum aprendizado daqui pra frente. Depois que a terra e a areia entraram num consenso e se acomodaram no fundo do rio, não faz sentido algum agitar a água. É melhor colher amostras a conta-gotas, ou olhar com serenidade através da água. Notar o que poderia ter sido diferente desde o começo, e humildemente tentar mudar nossa postura para o futuro.

Equilíbrio, Margarida. Esta é a palavra chave. Nem descaso, nem obsessão. Não à grosseria, não à submissão. Ser bondoso, mas esperto. Não tão esperto a ponto de deixar de ser bondoso.

Eu sei. É complicado. Bom, o que eu estou pensando? Se você está lendo isso como adulta, já sabe melhor do que eu o quão complicado isso tudo é.

Esta noite a morte veio me visitar. E, neste momento, eu sinto que ela me deu uma chance. De colocar no papel um plano pra mim. Mas, como a clássica ironia que recai sobre a paternidade, eu não vou ter tempo de executar esse plano. Esse é mais um pequeno legado que deixarei a você. E você vai poder fazer o que quiser com ele. A escolha de continuar lendo esta carta, ou queimá-la antes de abrir... é totalmente sua.

Preciso fazer uma nota de que talvez essa carta nunca chegue até você, porque mamãe adora esconder minhas coisas. Ela não sabe a diferença entre arrumar e esconder. Quando eu arrumo suas coisas, ela sempre me elogia. Não posso dizer que minha gratidão para as arrumações da mamãe é extremamente sincera. Está aí um dos segredos, Marga. Escolha suas batalhas. Principalmente quando se tratar das pessoas que conheceu agora, ou daquelas dez pessoas que estão na sua vida há anos. Com o resto, acho que vale brigar um pouco. Da discussão nasce a luz.

Voltando à morte. A morte é como aquele tio-avô querido. Está sempre lá e de vez em quando você lembra dele. Mas às vezes prefere fingir que ele não existe. Acaba lembrando dele em situações inusitadas, que te lembram uma de suas piadas cínicas ou o jeito dele de gargalhar. A morte é assim. Existe algo mais traiçoeiro do que estar aqui escrevendo sobre o que agora sei que devia fazer, mas sentir que não terei tempo de fazê-lo?

Precisei imediatamente lhe escrever. Pra dizer que te amo. Infinitamente. Pra lhe pedir perdão por todas as vezes que passei do ponto com você; que deixei a criança frustrada dentro de mim explodir na sua frente como se você tivesse culpa de algo que tenham feito a mim quando eu era apenas uma criança. Quis lhe escrever pra avisar que o tempo é curto, e que por isso você deveria fazer dele o seu playground. Andar

de mãos dadas com o tempo, e flertar com o caos perigosamente como fazem os inconsequentes. Remar contra não levará você a lugar algum. Não sei quem foi o primeiro imbecil que achou que ser capaz de observar o caos e descrevê-lo em uma fórmula significaria que conseguiríamos de certa forma domá-lo, ou controlar os eventos do universo. Esqueça as fórmulas. Observe e registre em forma de arte. Acredite: as pessoas vão querer ver o mundo sob a ótica do seu coração. Por isso, respeite a perspectiva de cada um. Todos nós temos uma história pra contar.

Filha, quando penso em você sinto medo das saudades que vou ter de você quando eu não estiver mais aqui. Sim, porque nós todos vamos para algum lugar. Não sei qual, mas tenho certeza de que te encontro lá um dia. A saudade é uma das dores, mas existem outras. Tenho um receio danado de qual mundo você vai encontrar. As coisas acontecem freneticamente na minha frente, e eu já perdi faz tempo a habilidade de me organizar. Talvez minha dor de cabeça seja apenas algo crônico, minha mente pedindo arrego. O fato é que eu não desejo que você se sinta assim nunca. E me dá angústia não saber que tipo de pessoas e que tipo de lugares você irá encontrar.

De qualquer forma, colocar palavras num papel alivia minha angústia. Aliás, esse é outro conselho que te deixo. Escreva.

Por fim, lhe suplico duas coisas: ame incondicionalmente, e abandone ideias que não valem a pena. Como saber se o amor é verdadeiro? Reflita se você espera algo de volta, ou se amar basta. Como saber se uma ideia não vale a pena? Pense se aquilo torna você uma fraude ou se aquilo agregará uma experiência ao seu crescimento.



Foto: Divulgação

Denis Amaral nasceu em Piracicaba e se formou em engenharia. Tem a música como fio condutor de sua vida, e a nostalgia como refúgio. Se apaixonou por literatura quando trabalhou como executivo no mercado de livros. Acaba de publicar seu romance de estreia, “Mesa para dois”.

A verdade é que tudo é mais simples do que imaginamos. Mas nós temos a arte de deixar tudo bagunçado. Arte. Quanto mais arte deixamos de fazer, mais arte nossa mente faz dentro da nossa cabeça.

Um dia a morte irá visitar você também. Sugiro que abra uma bela garrafa de uísque com ela, e sente pra conversar de igual-para-igual. Você é única, e merece respeito. Até dela.

Quanto a mim? Seguirei te amando e torcendo por você. Você vai estar sempre no meu coração.

Viva o presente. Escolha as informações que vai absorver. Respeite as pessoas. Seja generosa.

Acho que é isso.

Pela pausa que fiz agora, em que não consegui pensar em mais nada, acho que é isso. Confio em você e sei que não precisava dizer absolutamente nada para uma flor resiliente. A verdade é que esta carta é pra mim. Mas espero que a encontre um dia e possa ler com carinho. E saber que, como todo apaixonado, me debati comigo mesmo sobre como eu poderia ser melhor. Filha, você pode ser quem você quiser. Seja você mesma.

Saiba que às vezes as coisas simples ou as poucas coisas bastam. Se tiver mesmo herdado metade dos meus genes, você com certeza sentirá uma ânsia por fazer mais, por dizer mais. Vai por mim: não faça, nem diga. Silencie, escute e viva.

Vamos viver juntos enquanto podemos. Vou voltar a dormir, meu amor. Se eu acordar vivo amanhã, vou tirar o dia para passar com você. O escritório pode esperar. Só quero ver você sorrir, correr e sonhar.

Amo você.

Papai.

ENTRE A FORJA E O DESTINO

Ingrid Konrath

Ninguém sabe dizer ao certo, quando Marco Fúlvio Nobilior conquistou a cidade de Toledo, ante o comando das legiões romanas. Com seus mais de mil valentes, pode contemplar orgulhoso, desde o vale espanhol, os portões esculpidos na rocha.

Três jovens ousados passeavam pelos caminhos estreitos, desfrutando da policromia dos ladrilhos e do granito. Compreendem o ocorrido num século distante. Sabe-se que, numa noite de lua cheia, próximo à entrada de Bisagra, depois de muito vinho, o grupo resolveu invadir um antigo santuário, com intenções carnais, com certeza. Desavisadamente empurraram uma pedra solta, que abriu diante deles o portal.

Foram transportados do século XXI para um ponto remoto no ano de 193, antes da era comum. Alegres e cheios de paixão, se aventuravam numa época distante, a primeira invasão romana da região.

Ao bulir com a rocha, um espaço se abriu e foram mergulhados com rapidez na viagem. Primeiro passam por uma luz forte, sugando-os com pressão. Depois a coisa toda se transforma em bolsões, como se fossem transportados, enrolados em bolhas. Aquilo lembrava água viscosa ou então, algo semelhante a esta textura. Por coincidência, a força os colocava em movimento. Era incomum e de difícil comparação.

Tudo acelerado e barulhento, os sons também eram desconhecidos. Como se zunissem ou tinissem. Ou era uma vibração. A celeridade impedia entender o ocorrido. Por fim, a saída. Ilesos e secos na noite espessa.

— Credo! O que aconteceu? — perguntou Verônica. — Que gente estranha, usando roupas de couro e metal. Lanças, capacetes, pernas à mostra.

— E este fedor! O cheiro ardido dos cavalos é verdadeiro, é excremento? O que é tudo isso, Gustavo? — indagou Alejandro, com os olhos esbugalhados.

— Nada! Eu só me encostei em algo solto nas ruínas do templo.

A magia e a ação pretendida fora encontrada. Para investigar a memória entre as paredes esquecidas, perambulavam e especulavam. Eles estavam diante do momento vivido.

Desvendavam o cenário, a beleza e os desafios da vida. A cidade muralhada não se assemelhava em nada com a Toledo medieval com castelos e mosteiros. Os três estavam maravilhados, tentando nomear a experiência celestial.

Alejandro afastou-se dos amigos, imaginando uma forma de enriquecer com os seus conhecimentos sobre o aço. Iria construir uma loja e aperfeiçoar-se na fabricação de espadas e armaduras. A ambição tomou conta de seu espírito. Ele resolveu compartilhar a ideia com seus companheiros. Decidido, se projetou no futuro daquele momento.

— Vou ficar e transformar isto tudo, numa pequena Roma. Conheço os meios. Aqui governarei o mundo, serei o imperador.

— Cadê os teus princípios? — replicou Gustavo.

— Ouro! Estou falando em ouro. Acorda! Vou trabalhar o aço e acelerar quinhentos anos no tempo.

Eles estavam ali há dias, estudando uma forma de reabrir o umbral e essa surpresa. Em seu delírio, Alejandro explicou como ficaria poderoso. Por um gesto de bondade e ideal, ajudaria os romanos a obterem o conhecimento da liga de aço e ferro para no futuro usarem contra Hannibal nas Guerras Púnicas. Assim, sairia do anonimato e cunharia moedas com seu perfil.

A ilusão de ser revelado como um astro mundial é um desejo de popularidade dos jovens. A transição para a desejada vida de celebridade seria resolvida num piscar de olhos, no início da cronologia. A busca do sucesso e de aceitação iria acontecer como um milagre.

Tudo ficava cada vez mais inexplicável e estranho. “Se o tempo não estava no instante, desta feita, o instante estava no tempo”, pensava Gustavo. A preocupação de ser lembrado e reconhecido pela eternidade seria isso? Parecia então ver tudo aquilo que venceu a possibilidade de se deteriorar e tornar-se perpétuo. O que existe para sempre?

Gustavo em seu monólogo interior se perguntava: “Se o minuto é uma ilusão, Alejandro estaria se enganando? Acreditando em seu sonho, com paixão e persistência”.

Alejandro havia se tornado um mestre na forja dos metais. Os dias se passavam e, envolvido com a rotina nas fornalhas, a luz de sua consciência se apagava.

Os amigos cansados de ver tudo aquilo começaram a interagir com a população local e explicar formas mais evoluídas de relacionamento e como poderiam realizar seus afazeres diários. Intermediavam as rixas e reconciliavam vizinhos e parentes. Criavam novos olhares para as contendas diárias, nomeavam coisas simples de uma maneira mais acessível.

Conseguiram entender a subjugação romana da população, de forma vil. Eles não eram melhores que os outros invasores. Compreenderam, em contrapartida, o instante, enquanto realidade humana, existia. A singularidade do momento, as mazelas das pessoas, aflições e lutas se assemelhavam.

— Somos todos personagens de uma escavação arqueológica — conclui Verônica.

Haviam esquecido sua época, suas dores. Deixaram de desejar voltar ao presente. Aquilo tudo havia se tornado o lance.

O feiticeiro, de nome Salemo, notou algo estranho com aqueles indivíduos. A sua maneira de trajar os panos e de servir os alimentos à mesa, geravam suspeitas. Até o jeito de beber e procriar. A cada magia buscava respostas no fogo e no vento. Decidiu que deviam morrer.

Sorrateiro, aproximou-se de Alejandro, embriagado pela ganância estava mais fácil de manipular. O necromante vislumbrou usá-lo para atingir seus próprios objetivos de poder. As trevas estavam tomando conta de tudo.

Gustavo e Verônica testemunhavam acontecer aqui neste mundo admirável, tudo que odiavam nas suas vidas. Para os amigos, o motivo para aceitar a viagem, agora se aproximava como realidade. Chegara a hora de partir.

Verônica refletia junto com Gustavo, sobre a possibilidade de obter a absolvição para os seus erros. Todas as coisas sonhadas como amar, casar e ter filhos que havia negado com ironia, ao buscar uma existência sem amarras.

— São resoluções tomadas num minuto fatídico — disse ela. — Se eu conseguir me eximir, será mágico.

No entanto, aqui neste pedaço do mundo, tudo parecia real. O perdão precisa existir independente do momento no tempo. Não deveria se basear na felicidade ou no sucesso e glórias.

A força e o poder não sustentavam a ideia de ficar ali. A brincadeira ilusória acabou para os dois. Alejandro, ao contrário, pensava em assumir o trono e fundar sua dinastia. Tentava o apoio de Salemo. Bastaria dizer que era filho do Sol, conhecia a história do Egito.

Durante muitas noites, os jovens bebiam e parlavam sobre a permanência, a ética e a importância de não macular a cronologia da humanidade. Esquecidos do contexto, não percebiam que Salemo os escutava e os estudava às escondidas.

Um menino, hispânico, com seus quinze anos, tudo observava curioso. Aos poucos entendia que eles não pertenciam aquele lugar, tinham vindo de longe. Ouvia a conversa, onde os aventureiros juravam não modificar o passado; ou sobre aqueles que não sabem dos fatos e não conhecem as ocorrências e, por isso, são pessoas fáceis de manipular.

Era uma noite linda, o bruxo se aproximou e os chamou para beberem do seu vinho. Eles convidaram-no para fumar uma erva. Assim selando a amizade.

Ao amanhecer, o fogo mansinho trepidava. Seus corpos jamais acordariam. Os ideais, riquezas e certeza do indulto estavam para sempre enterrados as margens do Tejo.

Salemo começou a procurar o portal, numa corrida frenética para chegar ao futuro. Ele seria um deus vivo. E o menino que a tudo observava por sua parte também começou a sua investigação. Queria fugir dali, sumir, começar outra existência, em outro lugar onde fosse desconhecido e ninguém esperasse coisas dele. Viver a liberdade profetizada por Gustavo. Neste novo tempo encontraria. Onde deveria começar a procurar? O templo descrito por Verônica ainda não havia sido construído.

Ficou confabulando: “fosse um estranho, que chegasse de um lugar distante, onde escolheria construir um altar para orar para seu Deus?”. Logo vislumbrou uma claridade estranha no topo do morro mais alto. Aquela luz azul nunca estivera ali. Cheio de esperança e coragem, aproximou-se e entrou no buraco.



Foto: Divulgação

Ingrid Konrath nasceu e vive em Porto Alegre/RS. Psicóloga, escritora, com mestrado pela UFRGS na área de Educação. Seu primeiro romance, “Lydia: um Labirinto” é uma história que se passa em Porto Alegre e concorreu ao prêmio Kindle de 2024. Em 2022, publicou “Paternidade: um percurso para aprender e ensinar sobre o ser pai”, livro de não ficção e em coautoria “O Brincar e o Jogar: compreendendo significados”(2016). Seus contos, “Entre a Forja e o Destino”, publicado na coletânea “No Castelo de Kafka” da editora Persona (2023) e “Além das Fronteiras: uma Aventura na terra brasileira”, publicado na Antologia ALMURS 2024, em comemoração ao bicentenário da imigração alemã. Em 2025 participa com o conto “Farrapos” na edição da Antologia comemorativa do evento da Revolução Farroupilha. Membro efetivo da Academia de Letras dos Municípios do RS. Graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do RS (1982). Mestre em Educação com ênfase em Psicanálise e Cultura pela Universidade Federal do RS (1996). Especialista em Psicoterapia de Orientação psicanalítica pela PUC/RS (1988). Especialista em Psicologia Clínica (2002), Especialista em Psicologia Jurídica (2010) e Licenciada em Psicologia pela Universidade Federal do RS (1992). Psicoterapeuta individual, de casais e de famílias em seu consultório particular desde 1983.

PODER DO OLHAR

Simony Peres

O olhar

O olhar é o seu porto seguro
Um caminho de encontros maduros
É o que te fala por expressão
E transmite tamanha emoção

O olhar

O que dizer sobre o poder do olhar?
É o que te guia
Pelo caminho da sabedoria,
É o que te leva aos encontros
De tamanhas alegrias,

Ele emociona, ele te fala,
Às vezes, o que você não quer ouvir.
Ele te mostra a verdade
No olhar que você não quer enxergar
De um amor que de repente pode estar
Esperando para te amar.

Têm os que enxergam somente com os olhos
Das emoções,
Das razões,
No ciclo das estações,
Nas vozes,
Das melodias das canções.

O olhar

O que eu posso dizer Sobre o olhar?
Ele é a resposta de onde nós queremos chegar.



Foto: Divulgação

Simony Peres é uma apaixonada escritora e leitora voraz. É formada em Matemática, pós-graduada em Comportamento Organizacional e Gestão de Pessoas, e dedicou dois anos ao curso de História. Seu percurso é marcado pelo amor aos livros, tornando cada página uma emocionante jornada. É autora dos romances O que eu vi no seu olhar (2018) e Somente os que os olhos querem ver (2018) – uma duologia –, O relógio de vidro (2019), As faces do amor (2020) e Nada além de nós (2024).

SEIS DA TARDE

Monique de Magalhães

A pior parte é voltar para casa. Às seis da tarde começa meu suplício. Se gosto da escola? Não. Gosto dos meus amigos, de sentar na mureta atrás da escola, principalmente durante as aulas de matemática. Então posso dizer que gosto de estar na escola, e não das aulas. Já expliquei. Que saco! Vou desenhar: Não gosto de casa, não gosto da escola, não gosto da minha mãe... Quê? Não esperava por isso, né? Você tem o coração sensível, vou ser positiva. Vamos de outro jeito: Eu gosto de sair de casa, mesmo que seja para ir à escola, onde tem aulas chatas e pessoas legais. Gosto dos meus amigos, de música alta, de beijar na boca. Assim está melhor, né? Tá até sorrindo! Fofa.

Porque lá em casa eu não posso fazer nada de bom. Pra mim, né? Nada de bom pra mim. É claro que minha mãe quer que eu faça coisas certinhas, mas isso não quer dizer que sejam exatamente uma delícia, saca? Ai, cara... Tá difícil falar com você! Boas no sentido de serem boas de fazer, de me dar prazer, entendeu? Mano, de que lua você veio? Sério mesmo? Então tu tá me falando que fazer "obrigações" é ma-ra-vi-lho-so? Tu faz o quê o dia todo? Vamos lá, agora sou eu quem te pergunta: Me conta qual é o teu corre de todos os dias? Pera, deixa eu sentar aí nesse teu trono maneiro, e tu vem pra cá. Escuta, foi legal entrar em umas cinco lojas e sentar numa poltrona pra escolher essa aqui, com jeito de cadeira do "Poderoso Chefão"? Foi merda nenhuma! Aposto.

Saquei, então tu levanta 5:30 pra ir à academia, aham... Que incrível! Aí vai de lá direto pro trabalho, e escuta um monte de gente da cabeça ferrada, e bebe café entre uma e outra sessão. Não posso me segurar de tanta excitação! Tá, vou parar de inveja! Então nas duas horas de almoço tu come uma marmitta e aproveita pra responder mensagens. Estupendo! Mano, eu espero que tu tenha uns contatos bons! À tarde tu trampa aqui na escola e bebe mais café. Volta de busão pra casa. Chega na tua quebrada às 21h, faz de novo a merda da tua marmitta pro dia seguinte, responde mensagem e dorme! Vai se lascar! Que vida ruim. Mano, tu já foi lá atrás da escola e sentou naquela mureta com a galera do terceiro? Recomendo.

Ah, deixa eu ficar aqui, não vou botar o pé em cima do teu trono. Parece minha mãe, credo! Entendi, tu ainda não engoliu o fato de eu não gostar da minha mãe. É só aceitar! Tu tá muito ferrado, porque aquele lance de a culpa ser do pai não vai colar comigo, já que não tenho um. Bota a culpa na minha mãe, eu tô de boa. Tá. Parei. É que ela é egoísta, só. Tenho quinze, faço dezesseis mês que vem. Cara, sai dessa! Não quero falar sobre isso.

OK. Olha, eu não tenho assunto com ela. Antigamente eu tinha, mas sabe o que rolava? Quando eu começava uma conversa, ela ouvia o começo e depois ficava só falando: "aham... aham...", porque claramente já estava voando e mexendo na merda do celular. Outras vezes eu ia conversar... Como assim? Sei lá, mano, conversar de qualquer parada, contar um lance da escola, pedir algum brinquedo e contar como ele era legal, qualquer coisa... Aí ela dizia: "Agora eu estou ocupada, daqui a pouco você me fala, tá?" Cortava minha onda, velho! Então o "daqui a pouco" nunca chegava, porque quando desocupava, se lembrava das "obrigações" e me mandava fazer uma penca de coisas: "Desliga aquela lâmpada, puxa a água do banheiro, arruma a mochila, leva o cachorro pra fazer cocô". Só coisa dahora, como tu pode ver... Até a cadela cagar ia mais um tempão, aí eu já estava de energia baixa, nem queria mais contar nada.

Nada. É assim desde que eu era criança, ela também não mudou nada. É o mesmo rolê todos os dias, igual tu, mano! Vocês dão certinho. Ah, agora eu passo direto pro quarto, pra poupar ela de ter que fingir que ouve minha ladainha enquanto trabalha sem parar. Eu já não atrapalho quando está ocupada. Cara, sempre! Ela tá sempre ocupada. Quando senta no sofá, não dura dez minutos e já se levanta pra enxugar gelo. Papo chato do caramba! Posso ir?

Queridão, tá bom, só pra tu não ter pesadelo, vou reformular. Olha que palavra bonita! Tá querendo me aplaudir, hein? Não odeio minha mãe, é que me constrange. Vou pegar o melhor vocabulário pra tu me liberar... me constrange entrar em casa, entendeu? Tenho vergonha de ver ela lá jogando a vida fora e não consigo mais convencer do contrário! Não consigo nem conversar. Eu queria que ela parasse! Enquanto ela der conta disso, vai querer que eu faça o mesmo. Não! Velho, tu é burro demais! Nem parece que estudou! Eu posso dar conta, mas eu quero que ela pare, porque parar é bom, saca? Que irritante.

É! Finalmente tu entendeu. Não odeio, mas me irrita. Porque sim, porque ela tá enganada, escolheu a parte insuportável da vida para sempre. Agora eu tô errada de querer ser feliz? Por mim, pode chamar. Ela tá careca de vir aqui. Só me faz um favor: faz uma reunião bem demorada, e por favor se atrase, pra que ela tenha uns minutos improdutivos. Marca lá na mureta, atrás da escola, seis da tarde, na hora da merda do teu café.



Foto: Divulgação

Monique de Magalhães é brasileira, nascida no estado do Piauí, e cresceu no estado do Pará em Marabá, onde formou-se em engenharia agrônoma pela Universidade Federal do Pará. Em 2022, publicou seu romance de estreia, “Tempo de Isolamento”. Participou das antologias: “Eles Não Vão nos Calar” (2021), “Questão de Tempo” (2022) e “Poesia Agora” (2022). No ano de 2023, teve seu texto escolhido pelo professor e filósofo Clóvis de Barros Filho para compor as orelhas do livro “Os Doze Trabalhos de Hércules”, de autoria de Clóvis de Barros com o professor Joel Jota, pela editora Citadel. Em 2024, publicou pela editora Caravana, seu livro: Linha da Vida a costura dos nós, mesmo ano em que foi finalista do concurso literário Paulo Leminski. A autora é uma das fundadoras do Clube de Escritores BH. Atua no mercado literário como Leitora Crítica, Palestrante e Consultora Literária.

CONFUSED

Sophia Jamali Soufi



Midnight
Confused
I am looking for your eyes
twist me
Wrap me in the silk of your embrace
Maybe I'll be washed away from all the
darkness and lies
Your embrace is the song of a thousand
birds
Your embrace is the branch of eternity
Your embrace is the migration of
hemispheres
The traces of your breath
on immaculate cheeks
An blameless kiss
And The night
falls asleep in your arms
What am I doing in the arms of a fallen
chestnut?!

Sophia Jamali Soufi nasceu em 2001, Rasht, Irã. Especialista em arquitetura/designer de moda. É poeta e escritora. Seu primeiro livro, intitulado “Memórias de Sophia”, foi publicado em 2023. Seus poemas são escritos principalmente em persa, e já foram traduzidos para inglês, português, francês, espanhol, turco e alemão em diversas revistas e sites literários.

HISTÓRIA

Tânia Pino

A história que eu vou contar
Ela é muito verdadeira.
Há muitos anos atrás
A escutei de uma freira.
Sobre dois enamorados.
Um plano bem engendrado
De uma noite derradeira.

Ela muito apaixonada.
Convidou-o pra um jantar.
Faria magret de pato
Prato mui peculiar.
Dele era o preferido.
Por ela foi sugerido.
Para muito o agradar.

O encontro foi marcado.
Na morada de Helena.
Recebeu João Antônio
De maneira tão serena.
Ele não desconfiava
Qual destino o aguardava
Nas mãos daquela morena.

Noite muito agradável
Sob a luz do luar.
Os dois bebiam um vinho.
Ela pôs-se a cozinhar.
Entre panelas e abraços.
Estreitaram-se os laços.
Muito foi o desejar.
Pronto o banquete ficou.
Visual de admirar.
A entrada era francesa.
Com escargot e tartar.
E o aguardado de fato
O tal do magret de pato
Estava espetacular.

Mas de repente João
Foi sentindo algo ruim.
Suas pernas amolecendo

Pensou: “agora é meu fim”.
Nessa hora sua amada
Permaneceu bem calada
Em seu traje carmesim.

Aproximou-se do moço.
Olhos ardendo vingança.
Acariciou-lhe o rosto.
Tirou do dedo a aliança.
Guardou-a em uma caixa.
Um momento, cabisbaixa.
No peito a cruel lembrança.

Não foi no jogo de cartas.
Tampouco em feitiçaria.
Foi por meio de mensagens
Que ele trocou com Maria.
Ela havia descoberto
Que naquele dia certo.
Por outra a deixaria.



Foto: Divulgação

Tânia Pino, sua escrita percorre desde temas infantis à True Crime. Ama escrever prosa, mas seu coração bate mais forte pelos versos, principalmente o cordel. Ficou em nono lugar no Concurso de Trovas de CTS/UBT de Caiacó-RN de 2024 e atualmente é membro da União Brasileira de Trovadores (UBT) e delegada da UBT do município de Várzea Paulista.

Penso, logo tenho liberdade

Luciana Bessa

O dicionário me ensina diferentes palavras para o turbilhão de sentimentos que teimam em existir dentro de mim. O calendário me mostra como posso desfrutar melhor “um dos deuses mais lindos” e mais temperamentais, o tempo.

Neste último acabo por descobrir datas comemorativas que, confesso, me passam despercebidas, como foi o Dia da Liberdade de Pensamento, 14 de julho, em que ocorreu a queda da Bastilha, marco da Revolução Francesa, em 1789.

Aos que esqueceram e/ou ainda não tiveram essa aula de História: a Bastilha era uma prisão, símbolo do Antigo Regime francês. Quando o povo, oprimido até não suportar mais, tomou-a, ele proferiu seu grito de liberdade.

Base da existência humana – “Penso, logo existo” – nos diria René Descartes em [seu] O Discurso do Método, o pensar, ou melhor o livre pensar, é a garantia que todos nós temos de manter e defender nossas ideias em relação a um determinado fato.

Os artigos 18 e 19 da Declaração Universal dos Direitos Humanos, promulgada pela Organização das Nações Unidas (ONU), em 10 de dezembro de 1948, é incisiva ao afirmar que “Toda pessoa tem direito à liberdade de pensamento...”, assim como “Todo homem tem direito à liberdade de opinião e expressão...”. Infelizmente nem tudo aquilo que está posto na lei se confirma na prática.

As artes brasileiras sofreram nas últimas décadas por defender ideias, como liberdade e igualdade. No Estado Novo, governo

centralizador e autoritário, que se estendeu de 1937 a 1945, foi criado o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), órgão subordinado diretamente ao então presidente da República, Getúlio Vargas, para exercer o controle sobre os meios de comunicação. Como se não bastasse também havia o Serviço de Censura de Diversões Públicas (SCDP), subordinado ao Departamento Federal de Segurança Pública, encarregado de fiscalizar e censurar as execuções públicas em território nacional.

É sabido que durante as décadas de 1960 e 1970, ou simplesmente “os anos de chumbo”, grandes nomes da música brasileira, como Chico Buarque, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Rita Lee e Raul Seixas foram censurados e perseguidos

Saindo de um estado ditatorial e vindo para um estado democrático de direito, a metralhadora do governo de Jair Bolsonaro concentrou-se na Cultura (tal qual Vargas), atingindo artistas, gestores públicos, pesquisadores, mercado editorial, etc. Somando a isso, os livros foram taxados impossibilitando que as camadas menos abastadas tivessem acesso, como recolhidos das escolas e feiras literárias.

Em 2019, parlamentares, a exemplo do vereador Clayton Silva (PSC), por meio de suas redes sociais, comunicou que fez um requerimento à Secretaria Municipal da Educação de Limeira (SP), questionando o uso e a distribuição do material para estudantes de 10 a 11 anos, como é o caso da obra A Bolsa Amarela (1976), da escritora Lygia Bojunga, um clássico da literatura infantojuvenil, mas que em sua visão não passava de “lixo ideológico”.

Nesse mesmo ano, no Rio de Janeiro, o então prefeito, Marcelo Crivella, mandou recolher da Bienal do Livro os exemplares do HQ Vingadores, a cruzada das crianças (Salvat) e outros por alegar ter “conteúdo impróprio”. O youtuber Felipe Neto comprou todo o estoque dos principais livros com temática LGBT e os distribuiu para pessoas não “atrasadas, retrógradas e preconceituosas”.

livros foram retirados das escolas por conterem "conteúdos inadequados" para crianças e adolescentes, como é o caso de obras de Machado de Assis, Ferreira Gullar, Rubem Fonseca, Euclides da Cunha, Mário de Andrade, Nelson Rodrigues, Franz Kafka etc.

Vou parar por aqui, porque a lista é grande. Parlamentares, que pouco ou nada leem, se arvoram do direito de dizer o que eu posso ou não ler, a partir de sua falta de conhecimento, de diálogo e de não respeito aos direitos humanos.

Nós podemos falar de tudo. O que não podemos é ser racistas, homofóbicos, intolerantes, antidemocráticos ou manter qualquer forma de preconceito disfarçada de opinião. Alimentar o discurso de ódio contra as minorias, incitar a violência contra a mulher e/ou ao idoso, pedir a volta da Ditadura, espalhar Fake News, difamar e caluniar o outro, para além de ato desumano e repugnante, é criminoso.

É preciso "liberdade de pensar", "liberdade da expressão", "liberdade da escrita", "liberdade da palavra", acima de tudo, "liberdade para a diversidade e a pluralidade". Liberdades são bases para as Democracias.



Foto: Divulgação

Luciana Bessa - Doutora em Letras pela Universidade Federal do Ceará e membro da Ala Feminina da Casa de Juvenal Galeno. Professora da Universidade Federal do Cariri (UFCA).

FLORES

Diana dos Santos Rech

Elas representavam coisas belas
Cintilavam o néctar da vida
Em meio a uma terra
Que não curava suas feridas

Choram elas, lágrimas silenciosas
Não têm mais cores, nem perfumes
E, em seus finos galhos
Não adejam mais os vaga-lumes

Os campos estão ficando vazios
E a primavera já não vem com o tempo
À noite, quando cai o orvalho frio
Os pássaros dormem ao relento

Às flores, flores que hoje fenecem
Sem brilho e sem calor
Buscando no espaço evanescido
As pétalas de seu esplendor

Diana dos Santos Rech. Poeta e Psicanalista. Mestre em Filosofia da Psicanálise pela UNICAMP/Manchester/Inglaterra/Paris. Publicou os livros Poemas bem de detrás e antes e Segunda voz, além de vários textos em Coletâneas e Antologias impressas e em e-book. Destacam-se as antologias: Florbela por elas; Amazônia e A Caminho de Pasárgada.

ART COLLAGE



Beny Barbosa, natural de Fortaleza/CE. Graduado em Filosofia e mestrando em políticas públicas. Professor e militante dos Direitos Humanos. Escreve contos e poemas desde a adolescência. Participa de festivais de literatura e de antologias. Em 2021 publicou o seu primeiro livro solo, TEMPOS DE CHUMBO, que aborda a questão da ditadura militar no Brasil. É também arte colagista. A poesia é a voz da alma!

Beny Barbosa, natural de Fortaleza/CE. Graduado em Filosofia e mestrando em políticas públicas. Professor e militante dos Direitos Humanos. Escreve contos e poemas desde a adolescência. Participa de festivais de literatura e de antologias. Em 2021 publicou o seu primeiro livro solo, TEMPOS DE CHUMBO, que aborda a questão da ditadura militar no Brasil. É também arte colagista. A poesia é a voz da alma!

FASCISMO E MELANCOLIA: A JUVENTUDE COMO QUESTÃO EM PASOLINI

José Valdir Teixeira Braga Filho

Alguns comentários a respeito das notícias envolvendo jovens rapazes em casos de violência política confessam perplexidade diante do fenômeno. De fato, parece difícil imaginar que adolescentes – tão interessados em atualíssimos produtos culturais como filmes e histórias em quadrinhos – perpetuem ideias racistas, misóginas e elitistas. Qualquer sinal precário de progressismo presente nestas obras é combatido com discursos que perpetuam e justificam as discriminações e as desigualdades, quer elas sejam de gênero, classe ou étnicas. Este fenômeno se apresenta em diversos países do norte e do sul globais. Talvez seja possível compreender os eventos recentes em vista das reflexões da obra de Pier Paolo Pasolini (1922-1975). O escritor e cineasta italiano que procurou denunciar em suas obras a existência de uma homogeneização cultural, ocasionada pela difusão de modos de agir e pensar perpetrados pelos meios de comunicação de massa. Na produção de Pasolini, é possível identificar um retrato da imposição de determinados valores que substituem outros considerados inferiores, por exemplo, daqueles originários dos espaços periféricos e camponeses.

No seu livro *Os meninos da Vida* (1955), Pasolini narra a vida da juventude nos bairros pobres de Roma. A violência é uma constante na vida dos personagens e a sua origem e forma são múltiplas: a perseguição da polícia, castigos corporais de algum familiar ou mesmo a intimidação de um colega. Trata-se de um mundo em que a indulgência característica da infância coexiste com o desencantamento da vida adulta. Os jovens periféricos de Pasolini não possuem ideias ascéticas, e a contravenção pode fazer parte dos seus atos de egoísmo e altruísmo. Um conjunto de saberes é necessário para sobreviver num ambiente urbano perpassado pelo desemprego e a falta de moradia. Apesar de serem fortemente condicionados pelo contexto da sociedade industrial, os meninos da vida experimentam uma forma de existência que extrapola os seus ditames.

Sem hora certa para ir à praia, encontrar conhecidos na rua, conversar, jogar baralho ou simplesmente não fazer nada, os personagens experimentam um ócio distinto da contemporânea reclusão dos dispositivos digitais. Eles possuíam uma juventude que já contrastava com a burguesa, que vivia de acordo com os padrões da moda norte-americana. O cinema norte-americano, assim, tornou-se um modelo nos modos de se divertir, brigar e até mesmo amar. O jovem burguês parece ter saído de um filme hollywoodiano, ele se destitui de suas particularidades locais e a homogeneização prevalece.

Outro retrato pasoliniano da juventude está presente no seu filme *Saló ou 120 dias de Sodoma* (1975). Se em *Meninos da Vida*, Pasolini constrói uma espécie de memória da cultura de uma juventude proletária diferente da burguesa, em *Saló* o fenômeno da homogeneização é abordado agora em relação ao problema da adesão do fascismo. O que difere um jovem fascista de um antifascista? Não há nada na aparência que os distinga, todos parecem iguais e padecem do mesmo algoz. Todos são iguais porque foram padronização, suas vestes e gestos são a própria expressão do desenvolvimento. O fascismo agora é permissivo e tolera os antigos sinais de subversão como os cabelos longos e a minissaia, conseguindo com sucesso integrar aquilo que não fazia parte dele.

A mansão em que os eventos de *Salò* ocorrem, possui uma arquitetura grandiosa que evoca a um só tempo decadência e opulência. Neste cenário, os personagens passam por toda a sorte de humilhações e assim Pasolini apresenta uma metáfora da relação do fascismo e a exploração econômica. De um lado, os grandes monumentos e avanços do desenvolvimento, do outro, a exploração e o desprezo pela vida humana. Todos habitam o mesmo campo de concentração. Diante deste

quadro, torna-se cada vez mais difícil contornar a imposição de se adequar ao modo de vida burguês, restando apenas a frustração para aqueles que falham nesta tarefa: “os garotos do povo são tristes porque tomaram consciência de sua própria inferioridade social, visto que seus valores e modelos culturais foram destruídos” (PASOLINI, 1990, p.102)



Pier Paolo Pasolini . Foto: Divulgação

Atualmente, os discursos presentes no ambiente virtual criam e difundem valores, e diante destes, as culturas menores padecem violentamente. Destituído da sua humanidade, o jovem se guia por um individualismo exacerbado que obscurece os aspectos constitutivos da realidade social. Resta o puro ressentimento, se acredita vilipendiado na possibilidade de perder qualquer privilégio, e para mantê-lo ataca qualquer projeto que não seja o das classes dominantes. A homogeneização cultural torna os jovens vulneráveis aos discursos extremistas e impede que eles adquiram qualquer vocabulário que lhes potencialize enxergar outras perspectivas. Diante deste quadro, o pensamento de Pasolini permanecesse atualíssimo e os diferentes retratos que apresenta no século XX parecem sintetizar o jovem atual.

Referências

- PASOLINI, Pier Paolo. Os Jovens Infelizes – Antologia de Ensaios Corsários. Trad. br. Michel Lahud e Maria Betânia Amoroso. São Paulo. 1990.
PASOLINI, Pier Paolo. Meninos da vida. Trad.br Rosa Artini Petraitis e Luiz Nazário. São Paulo: Brasiliense, 1985.
PASOLINI, Pier Paolo. Salò o le 120 giornate di Sodoma. Itália, França: 1975. 116 min.

José Valdir Teixeira Braga Filho é doutorando em ética e filosofia política pela Universidade de São Paulo. Integrou o laboratório de Estética e Espaço Social Pier Paolo Pasolini da Universidade Estadual do Ceará.

VAR

Renato Bruno Vieira Barbosa

Verificando cada lance pelo olhar do var
É de se indignar com as VARgonha que aí está,
São tantas aberrações cometidas que
Erros esdrúxulos são aceitos e por
Mais que haja reclamação,
Apenas colocam a arbitragem
Sob nova orientação.

O VAR virou chacota e motivo de piada
Pois a cada nova trapalhada
Um erro sem noção, fazendo tudo que é
De besteira, o único castigo é
Fica na “Geladeira”.

Na contramão do bom senso segue
Sem a menor noção
A Toda Poderosa CBF aceitado essa
esculhambação
Agora de nada muda, nem muito menos corrige
É o Futebol quem perde e o torcedor quem fica
triste.
Vergonhoso e Imoral esse é o atual
Futebol nacional.

RENATO BRUNO VIEIRA BARBOSA é natural de Fortaleza - CE, nasceu em 1985; Bacharel em Direito, Gestor em Tecnologia da Informação, Professor Universitário nos cursos de Direito, Gestão em T.I, Administração e Processos Gerencias. Palestrante e Escritor com temas contemporâneos, cultivando a paixão pela poesia, música e teatro.

BORBOLETAS QUE NÃO VOAM

Shirley Pinheiro

De repente, a respiração despenca em seu peito como um vergalhão de ferro, empalando suas emoções em um espetinho sádico de tristeza e medo, que, lentamente, se afunda nas carnes malvistas de seu íntimo. Um emaranhado sujo e vergonhoso, que alguém achou convidativo chamar de “borboletas no estômago”.

Em outros momentos, ela até seria capaz de compreender o romantismo da coisa. Mas ali, enquanto as borboletas viravam ácido em seu estômago, era mais fácil para ela conter o impulso de imaginar-se pulando na frente de um caminhão em movimento, do que em qualquer outra coisa, sobretudo algo positivo, alegre e florido.

Ela não queria ser essa garota “mal amada”, que vê defeito em tudo, mas de fato ela não conhece as benéficas do amor, seja ele romântico, paterno ou fraternal. Todas as chegadas terminaram em partidas dolorosas ou mensagens nunca respondidas no Instagram. Então, não, aquela sensação nunca vinha acompanhada de boas memórias. As tais borboletas borbulhantes eram um lembrete da última vez que se viu atraída pela promessa de um “para sempre”.

Mas, como diz o poeta, “o pra sempre, sempre acaba”. E que se dane a eternidade da durabilidade, fica pelo menos uma noite... mais uma noite, ela quase implorou. Mas nunca foi de impor a própria presença. Viva o amor livre! E a liberdade de partir quando quiser. Mas não volta!

SHIRLEY PINHEIRO é formada em Letras, pela Universidade Regional do Cariri, apaixonou-se pela História antes mesmo de terminar a primeira graduação, agora brada orgulhosamente a condição de historiadora em formação. Da maneira mais sincera vive de arte. Qualquer minuto de liberdade é um bom momento para ouvir música, ou ler um livro/poesia e, de vez em quando, escrever a si mesma.

Odeio a tua paz
Rejeito o teu perdão
Pois qualquer sofrimento passa
Mas o ter sofrido não
(Belchior, 1988)

Foi embora. Mudou de estado. Soube que voltou. Nunca respondeu sua mensagem. Quem sabe o que está fazendo agora, com quem? Pouco importa, na verdade. Vive agora de amores platônicos e memórias jamais cicatrizadas.

Seu coração anda frágil. Sensível demais, eu sou um alguém que chora... por qualquer tolice que vê na internet; pelo poema que nunca terminou de escrever; por qualquer lembrança das duas. Seus cadernos estão cheios dessas.

Às vezes idealiza um encontro aleatório em sua praça preferida; no cassino que foi reaberto; nos cafés que não costuma frequentar, aterrorizada justamente pela possibilidade de encontrá-la sentada naquelas mesas vintage, que dão um ar de sofisticação. Mas elas não se encontram mais.

E o amor virou saudade.
Que virou dor.
Que virou medo.

Ainda consegue imaginar-se às portas de um amor avassalador, daqueles que incendeiam a alma e transformam o coração em uma marcha desritmada numa manhã de 7 de setembro. Mas, em seu devaneio, ela nunca entra. E odeia a si mesma. Estagnada e em agonia. Mártir de si mesma.

E lá se vai mais um caminhão, intacto. Enquanto as borboletas chafurdam dentro dela. Comemoremos essa vitória.

É PRECISO SABER VOAR!

Leide Freitas

Somos todos filhos de Ícaro. Quem nunca sonhou com as próprias asas? Quem nunca sonhou voar sobre as mais altas montanhas, sobre o infinito mar azul, ou ao encontro do colorido pôr do sol como os pássaros? Quem nunca imaginou voar entre as nuvens brancas, sentindo o calor morno do sol, o vento e as gotículas de chuva nos cabelos?

O sonho de voar como os pássaros foi que levou alguns homens a pensar num invento que proporcionasse a realização desse sonho tão arraigado no nosso íntimo. Foi a partir desse sonho que surgiu o balão movido a ar quente, os dirigíveis, e por fim, os aviões com imagens e semelhanças de pássaros.

Os aviões belos e atuais que conhecemos são pássaros metálicos. Invenção humana para realizar um sonho tão antigo quanto a humanidade, invenção para realizar o sonho de Ícaro, mas apesar dos vários modelos e tamanhos, ainda não é o invento ideal, ainda sonhamos com as nossas próprias asas.

Asas são sinônimos de liberdade, desde as eras mais remotas que a humanidade sonha com liberdade, liberdade absoluta.

O país, como nação de um povo, deseja liberdade política e de administração. Em nome da liberdade, diversos países entraram em guerras, muito sangue, vidas, suor e lágrimas foram derramadas ao longo do tempo. Inocentes incontáveis pereceram nessa luta por direitos negados.

Atualmente, ainda existem infinitas lutas por liberdade de expressão, por direitos óbvios como a vida, por direitos de amar e viver como lhe aprouver.

A liberdade ainda é um bem precioso que pouca gente tem com algumas restrições. Sim, com restrições. Não existe liberdade absoluta, nossa liberdade é relativa, e devemos aprender a viver com essa liberdade que nos é dada. A minha liberdade não deve ferir a liberdade do outro. Cada um de nós deve ter e viver sua liberdade, respeitando a do outro em todos os seus aspectos. As minhas asas me dão o direito de voar rumo aos meus sonhos, metas e realizações, mas devo sempre lembrar que esse voo de liberdade é apenas para que humanamente eu possa percorrer meu próprio caminho. É preciso saber voar majestosamente, planar suavemente entre os inúmeros pássaros, sem ferir ou derrubar o próximo.

A filha primitiva é uma história forte que retrata a realidade de muitas mulheres, cujos sonhos foram roubados de forma violenta, de tal forma que já não é possível recuperá-los.

Uma história onde ser mãe não é uma experiência amorosa, sonhada, desejada, mas sim, um esforço de tolerância por não ter a coragem necessária para abandoná-la a seu próprio destino.

Ser mãe não é fácil, principalmente, diante do desamor, do abandono, das dificuldades financeiras, em um mundo onde a mulher é considerada mercadoria de negociação, e, em último caso, tomada à força, numa sociedade em que nem mesmo a criança é poupada, apenas por ser do sexo feminino.

Nessa obra, as personagens femininas não têm direito a nomes e assim, o leitor ou leitora pode dar o nome que achar melhor, pois a história pode ser de qualquer ser desse país, talvez você até conheça alguém que tenha vivido ou viva uma história parecida.

Um livro desse quilate deve ser lido, comentado e indicado.

Leide Freitas é membro do Clube dos Poetas Cearenses, Mulherio das Letras Ceará, Coletivo Escrevintes e Poexistência. Obras: Reflexões íntimas - 2023 (Caravana), A casa da colina e o mistério dos jovens desaparecidos - 2023 (Amazon) e O Tempo é Mulher-2024 (Amazon), Em tempos de pandemia - 2021 (Amazon) e O Diário de Sabrina - 2018 (SEDUC-CE). nstagram: @leidefreitas.escritora @leituras.leidefreitas

OXÍTONA

Jonas Serafim

Fiz um mutirão para estudar em reunião
como uma ação de alguém para amar
e para viver em comunhão entre irmãos,
e seguir na mesma razão em toda nação.

O autor em seu boletim faz com oblação uma
criação

como sugestão da comunicação de escrivão
e com a mansidão substancial superior
passa a sonhar sem fazer ilusão.

Na imersão deste jardim de expressões
venho aludir com um bastão no rodapé
os sinais com teor de um tecelão
e situar, talvez, a solução.

Através da luz ou da escuridão
advém a evolução secular social
a solicitar e a socorrer pela união
como valor teologal de salvação.

Como um colibri a voar sem colidir e a beijar
cipó e flor
azul ou lilás, fazendo bambolê, balé dando
balão...

Fico a assistir sem resistir o fuzuê
ou o escarcéu vital, um tricô na visão.

Alguém ou além, o amanhã sem temor,
sem opressão ou escravidão, sem corrupção,
sem ladrão,
sem terror ou tabu, ou algoz ou lesão...
Sonhar com o real prazer e com gratidão.

Coração cristão sem complô de religião,
é servidor ao sentir e fazer a ressurreição,
seja no candomblé com babalorixá, ou pajé, ou
no Alcorão.

Segurar o cordão da fé do perdão e sair da
prisão.

Soar, suar, fazer percussão. Sair do baú ou do
sofá,
fazer batalhão sem aridez, mas com aptidão.
Atribuir voz e vez ao pulmão.
Deixar de sofrer ou viver na solidão.

Verniz no papel faz como toró no torrão
ou como um vulcão que no chão faz batizar
ao som do tambor e agogô da abolição,
dá pontapé como agricultor na plantação.

Vou autografar sem tensão e sem televisão,
comer cuscuz, maná, vatapá, pirão e feijão,
caju, maçã, guaraná e café no salão,
pôr um chapéu e caminhar entre os animais.



Foto: Divulgação

JONAS SERAFIM DE SOUSA nasceu em 30 de março de 1962, em Recife, Pernambuco. É professor na Prefeitura de Fortaleza e atuante no Sindiute. Publicou seu primeiro livro na Bienal de 2022 em Fortaleza com a obra "Endyra: uma aventura na Amazônia". Em 2024, publicou "Poesofia". Residente em Pacatuba, Ceará. Publicações: jonaslivros.blogspot.com - Contato: (85) 9 8604.8862. Instagram: [jonas.serafim](https://www.instagram.com/jonas.serafim).

POIÉSIS

Janaina Cruz

É preciso acender as palavras
Ao cair da noite.
Excitações e cintilâncias cósmicas
Copiam nosso cio selvagem,
Alvejado de saliva.
Recriamos constelações
De prazeres
Com nossos odores adocicados,
Enrodilhados na cama
E nas roupas.
Teu corpo ornamentado
Pelas minhas unhas,
Esculpido no escuro,
Te dá a aparência de um deus
Que transforma o meu
Suor em vinho,
E as minhas digitais em pinceis
De Vênus.
É preciso acender as palavra

Ao cair das roupas
Excitações e luzes bruxuleantes
Ataviam a cena...
Basta um gesto e tu
Invades o meu corpo
Como um poema
Cheio de interconexões.
Uivo, como uma boa loba
Fluorescente
Mastigo o teu pescoço
Sem poder digerir
Engulo gemidos em néon
Na dança apressada dos corpos
Em movimentos ígneos.
Deitamos na textura
Das palavras espalhadas
Pela cama,
Suadas e gozadas
Acesas e adocicadas.

JANAINA CRUZ, natural de Juazeiro, é poeta, artesã e bordadeira, entrelaçando palavras e fios com a mesma sensibilidade. Formada em Letras pela Universidade Regional do Cariri e em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Cariri, sua trajetória é marcada pelo amor à arte, à cultura e à memória. Sua produção transita entre a poesia e o fazer manual, criando narrativas que resgatam histórias, afetos e identidades.



Foto: Divulgação

No dia 2 de junho de 2025, no Auditório Izaíra Silvino, na sede da ADUFC, em Fortaleza, tomou posse a nova Diretoria, “Democracia e Luta - ADUFC em Movimento” e o Conselho de Representantes para o Biênio 2025-2027. Conduzida pela Prof^a. Kamila Bossato, do Curso de Jornalismo da UFC, a cerimônia reuniu docentes e convidados, incluindo integrantes de movimentos sociais e instituições aliadas.

ARTE VISUAL



Fotografia: Fim de Tarde na Praia de
Jacumã – PB.

Amauri Flor é um Artista de Lagoa Seca-PB, começou em 1982 no Liceu Paraibano, em João Pessoa. Inspirado pela poesia de Chiara Lubich, desenvolveu um estilo surrealista/figurativo com grafite e nanquim. Premiado em 2012 pelo Salão de Artes Visuais do Sesc PB, segue expondo suas obras. Desde 2020, vive em Catolé do Rocha, retratando a paisagem da caatinga e a arquitetura Art Déco local.

ESCRITORAS CACHOEIRENSES

Entrevista

Sento-me de frente para os repórteres, as câmeras a postos, os olhos famintos, fervendo de curiosidade.

Faz anos que não apareço em público, muito mais que não falo com a imprensa. Estou aqui hoje para falar do novo livro, depois de quase uma década sem publicar nada. E apenas porque meu editor prometeu uma garrafa cara de whisky e algum perfume que ainda não tenho na coleção.

Falando nele, logo chega. E o aval para os fleches é dado. O querido se senta e as perguntas começam:

– Elise! Elise! Aqui!

– Aqui!

– Elise, por que sumiu da mídia depois de fazer tanto sucesso? – alguém lá do fundo ganha a vez.

– Justamente por ter feito muito sucesso. Já tinha o que eu queria. Então, fui descansar. – respondo da forma menos cínica que consigo.

– Esse é o último livro da sua carreira ou ainda vai escrever mais?

– Tenho uns rascunhos, mas não sei se vou mexer neles... Talvez deixe de herança por aí.

A palavra herança causou um rebuliço.

– Por que não se casou? Nem teve filhos? – o editor riu ao meu lado, sabendo que aquela era a pergunta que me faria levantar e sair, enquanto os curiosos se viravam para encarar o rapaz, esperando minha resposta.

O que eu poderia dizer?

Canso-me dos amores tranquilos e não aguento os conturbados.

Ou, sempre quis vastos oceanos e só me foram entregues laguinhos sujos.

– Eu quis casar uma vez... – digo por fim – Mas ele queria que eu escolhesse entre o casamento e os livros. Queria arrancar as asas do passarinho e os olhos da criança perscrutadora. E de nada me valeria um amor que me castra.

Levanto-me, pronta para sair, e eles entendem que a coletiva havia acabado.

– O livro novo sai no fim do mês. Aproveitem!

Virgínia Pastore é nascida e criada em Cachoeiro de Itapemirim. É escritora, poetisa, colunista, coordenadora de núcleo no Coletivo Escritoras Cachoeirenses, e se arrisca na fotografia nas horas vagas. Publica seus textos desde 2017 nas redes sociais e, em 2021, passou a publicar seus livros de forma independente.

A Coluna Escritoras Cachoeirenses, em mais uma edição, traz a sua sensibilidade apresentada na escrita para a Revista Sarau.

Mia Couto: no meio do silêncio

Certa vez, sentada ao relento, sentindo o vento bater em meu rosto e auscultando a calmaria, ouvi uma voz no meio de todo aquele silêncio. Não era uma voz comum, era a voz do silêncio (que me proporciona paz, que me inspira, que me traz quietude).

A voz do silêncio é sutil como uma pétala que cai ao chão, ou folhas secas outonais que decoram praças, ruas e calçadas, anunciando a transição de temperaturas. Essa voz só pode ser ouvida por aqueles que silenciam.

A voz do silêncio sussurrou para mim a frase “Era uma vez...”. A expressão frasal interrompida por pensamentos afoitos me levou aos contos de fadas, com tantos finais felizes. Em contrapartida, os meus pensamentos, em disparada, foram levados aos fatos atrozes e reais, sem finais felizes.

Ainda em silêncio, refletindo sobre a frase que acabara de ouvir, os meus pensamentos, em silêncio agitado, levaram-me à obra literária Terra Sonâmbula, de Mia Couto, com inúmeros finais infelizes. Era uma vez...

Na obra, o autor, em forma de romance, divaga pela guerra civil moçambicana. A narrativa tem como personagens, e vítimas do conflito, o menino Muidinga, que perdeu a memória, e Tuahir, um velho sábio. Ambos se encontram e procuram abrigo em um ônibus abandonado e destruído.

Neste abrigo, eles descobrem os cadernos de Kindzu, um jovem que narra sua própria jornada em meio à guerra civil, desejando um futuro melhor. Mia Couto mistura realidade e fantasia em sua obra, explorando a identidade moçambicana e os impactos do conflito nas vidas dos moradores.

Terra Sonâmbula foi lançado em 1992, sendo reconhecido e considerado um dos dez melhores livros africanos do século XX. Com esta obra, Mia Couto recebeu diversos prêmios literários, incluindo o Prêmio Camões (2013), um dos mais prestigiados da língua portuguesa.

E tanto reconhecimento não se deu por tantos finais infelizes. Mas por sua literalidade repleta de nuances da realidade misturados às nuances ficcionais. Ademais, a obra retrata finais felizes em meio aos finais infelizes.

Era uma vez...em mundos distintos...as guerras acontecem, muitos finais infelizes ocorrem. Mas também se tem alguns “Era uma vez...” com finais felizes, em meio ao silêncio que permitem descobertas, lágrimas, reflexões...

Néia Gava - Especializada em Letras: Português e Literatura. É poetisa e escritora. Possui Antologias Poéticas publicadas. Membro do Conselho Municipal de Política Cultural de Vargem Alta. Acadêmica Correspondente da Academia de Letras e Artes de Venda Nova do Imigrante (ALAVENI). Acadêmica Correspondente da Academia Pan-Americana de Letras e Artes do Rio de Janeiro (APALARJ). Colunista da Revista Sarau (CE-Fortaleza). Membro nº 001039 da Academia Internacional de Literatura Brasileira. Coordenadora Diocesana da Pascom - Área das Rochas. Coordenadora de núcleo no Coletivo Escritoras Cachoeirenses.

A FÊMEA DO TIGRE

Pádua Santiago de Freitas

Uma tigresa de unhas negras e íris cor de mel

Duas tigresas de unhas negras e íris cor de mel

Três tigresas de unhas negras e íris cor de mel

Quatro tigresas de unhas negras e íris cor de mel

Cinco tigresas de unhas negras e íris cor de mel

Seis tigresas de unhas negras e íris cor de mel

É João Inácio Show, porra!

ANTÔNIO DE PÁDUA SANTIAGO DE FREITAS.
Professor do Curso de História da Universidade Estadual do Ceará (UECE).

TATUAGEM

Luan Luna

Encontrei meu lar sedento por tua presença. Sem mesmo querer, o cheiro de café, a carne, os pedaços fartos de prazer que corroem como ácido meus ossos, tímpanos, e lavam minha corrente sanguínea com nada, passado desritmado do órgão interno de bombeamento do fluido-vida, tudo me leva, tudo me traz, me confunde, me acerta e me faz querer matar por esse não-sei-o-quê.

Sem mesmo esperar, me visita o teu rosto, tua face úmida de água de rio, aquele dia, lembra? Que a gente encontrou na noite um lago denso, água fria, pedaços de nós, tudo encaminhado ao lugar comum que nós íamos descobrindo no corpo um do outro, que nós já sabíamos de outros corpos, mas que por algum motivo, aquilo tudo, a voz de Rita, fazia parecer que era a primeira vez.

A água se condensa e não congela, aos poucos se torna lava, fogo, vulcão em erupção, e tudo que era nosso se desfaz, e nos desfaz em ramagem que se espalha com o vento. E você me olha. E eu te olho. Eu te encaminho novamente ao meu corpo, aos meus olhos. Acesso. Encontro de rios. Vem me visitar de madrugada, coloca tua mão em mim que eu deixo. E a gente some. A gente se esquece de qualquer coisa, qualquer lugar. Não há espaços para promessas e súplicas que não serão cumpridas. Há espaço, sim, para dessurgir. Em carne. Em peito. Há espaço para dizer o óbvio. Talvez eu seja essa piscina rasa. Mas eu não quero ouvir. Não. Não por querer o risco, mas porque não quero que se finde agora. Fazer eterno, para sempre, em um instante.

A lua que nós não vimos, nos contemplou como um espelho. O espelho defronte a nós. Nos lia. Era a lua. Se tem luar no céu retira o véu e faz chover sobre o nosso amor.

Eu acordo cedo. Te fito. Em meu silêncio. Leio e deixo que aquele minuto seja eterno novamente. Passei o café. Provei do amargo. Evaporei em água. Fui embora.

Essa noite não é mais aquela. O que me rodeia é a atmosfera do que foi nosso ali, o vinho, o som, a voz de Gal, e ela, inquieta, indiscreta, de novo, a lua, sua sombra, o espelho, a claridade óbvia de sua luz que consome, se atreve sensual invadindo meu corpo pelo meu pé, reflete no espelho o susto narcísico de me ver só e me faz explodir em sêmen. Me invadiu de novo aquela lembrança, que quase não cessa, plena, inútil, feliz. Sorrio. E me invadem de novo as perguntas caladas em meio ao eterno durar das horas. Você está? Você? Você vê? Você lembra o que tingiu, nós, o que nós edificamos à flor da pele? A carne? A água que se tornou fogo? A Rita cantando por mim, falando a verdade, meu bem, você me dá água na boca, a boca, a língua, a barba, tudo.

Não é mais ela, não é mais aquela noite. Se foi, eterna em alguma memória, na minha, na nossa, eu não sei. O desejo desregulado, a angústia que ele traz, a lava que consome de novo, me queima, e em meio a esse mundaréu de água, torção, dor, ânsia e pressa, só consigo pensar no que não é. Talvez seja a minha maior dor nesse momento. Olhar. Ser invisível. Ver minha sombra quase desaparecer na translucidez desse vidro, desse fundo de ônibus, dessa ideia que me acompanhou todo o dia, até aqui, desde a epifania da noite anterior, desde o desprender de noites atrás, eu, você, a luz em nós, o desejo que naquela hora foi limpo, agora turvo, amedrontado, diminuto. E tudo ainda é claro, a tatuagem do seu peito, a palavra coragem, transferiu para mim teu nome, teu desejo, tua súplica, ser coragem, os fluidos marcaram minha alma e meu peito com teu nome.

A memória pode consolar ou rasgar como facão em trabalho de broca. Ir fundo, na raiz, na coisa. Chegou em mim e me acompanhou. Onde quer que eu chegue, vem comigo o mesmo pensamento, a mesma ideia, a ilusão de ser tudo real, de ser tudo farsa, de ser nada. A proeza de querer escapar dessa torrente, desse vendaval violento.

Foi olhar essa janela que me fez desaparecer. Foi ela, a janela, a transparência que me fez querer ser o mundo. Foi olhar minha cara, quase cega, quase invisível, quase dissolvida nesse mundo de coisa, através dessa janela, nesse verde, nesse céu limpo, nesse asfalto, sentir o vento me soprar como se eu fosse o mundo, me fez querer ser, me fez querer desaparecer de novo no pó de café, me afogar em outro mundo, me ver em outros espaços, em sair do mesmo, em sair do cômodo do lugar que era seu, da amarra de uma casa única, eu sou mais. Que no mundo sempre haverá faltas, sempre haverá saudade, sempre haverá necessidade e, às vezes, só desejo egoísta mesmo, teimosia pelo que não é nosso.

Mas o caminho, naquela hora, aquela estrada, aquele mundo aberto, aquele mundo vasto, me mostrou que o caminho é maior, é maior que um só, que um lugar, que um coração, que uma tatuagem no peito, que consome, transmite, perpassa. A tatuagem, amanhã, ou depois, se apaga. E a estrada continuou, e falou, na voz da mulher que massageava, através do fone, meu pensamento, é preciso ser o retrogosto da boca e ser eterno em alguma memória. Meu nome é sol, é setembro, é estrada, é caminho, é a roupa encharcada e a alma repleta de chão. Eu que num esforço me guardei na indiferença, desejo hoje caminhar na inconstância de ser eu em pó e inteiro. Resguardado pelo sentimento que sempre e um dia foi meu, que foi eterno em um instante, mas que foi feito para acabar. Para ficar na memória, esmaecida. A tatuagem desbota e fica verde. O sentimento amadurece, e se torna generoso.

LUAN LUNA – cearense do Cariri, de Caririáçu. Estudante de História, apaixonado por Literatura, MPB, Adélia, Gal, Bethânia e Rita, gay, taurino, procrastinador, curioso e fingidor. De vez em, quando se atreve a escrever poemas e contos. Tem na escrita e em qualquer tipo de Arte o descanso e a vertigem de sua existência.



Amauri Flor

O Juazeiro

Rai Albuquerque

Descampado.
Sertão pintado de cinza.

O canto do acauã,
num presságio ligeiro,
avisa que já é janeiro
e a chuva ainda não chegou.

Mas há pinceladas de verde
sobre o cinza já pintado.
É a árvore juazeiro
resistência no sertão .

Fincando as raízes no chão,
busca a sobrevivência.

É um ponto de vivência
do sertanejo cansado,
que se deita em sua sombra,
e com seus frutos sacia um pouco a fome.

Quando não há mais vegetação,
nem mesmo um resto de ração,
suas folhas alimentam o gado.

Por muito tempo ele vive
e à estiagem subsiste.
É símbolo de um povo
que sempre tenta de novo.

Deu nome até a lugar:
Juazeiro do Norte.
Juazeiro, que sorte,
durante o ano inteiro,
suas folhas verdes ficar.

RAI ALBUQUERQUE – cearense (Novo Oriente). Graduada em Letras, Pós-Graduação em Literatura brasileira pela Universidade Estadual do Ceará. Cultiva o gosto pela poesia desde a infância e hoje tem participações com o gênero em diversas antologias.

MOSAICO CULTURAL

Elaine Meireles*

Contato: punchetart1@gmail.com

A Coluna Mosaico Cultural contempla a riqueza enraizada na diversidade racial, artística, social, geográfica, cultural, econômica, religiosa, espiritual e intelectual das várias regiões do Brasil. Ressalta novas tendências artísticas e apelos da contemporaneidade, no que concerne à Literatura, Música, Cinema, Teatro, Pintura, Dança, Desenho, Arte Têxtil, Fotografia, Artes Digitais. Espera contribuir cada vez mais para a solidificação da Arte no Brasil.

Arte Têxtil

Isabelle Brito de Oliveira é natural de Juazeiro do Norte- CE, graduada em Pedagogia e, em 2020, iniciou seu contato com as Artes Visuais, passando a desenhar mandalas através de um processo meditativo que trazia como propósito, os desenhos de mandalas.

No ano de 2024, participou de uma Oficina de Bordados (Arte Têxtil) e agregou esse aprendizado junto as suas artes. Atualmente estuda e trabalha com Artes Visuais, ministra oficina na área, administra a página no InstagramAteliê Flor de Camomila e, em alguns momentos, escreve sobre os sentimentos, em especial, femininos.

O bordado “Acolher” representa os momentos em que precisamos mergulhar no nosso interior, se fazer presente no agora, para trazer serenidade e melhor compreensão dos sentimentos. Silenciar a mente para escutar o coração.

Sentir os sentimentos e as emoções à flor da pele, ouvir o pulsar do coração e as batidas que ficam lentas ou aceleram com o passar das horas. Um coração que floresce a cada vivência.



SOL, SONHO E CHAMA

Miriam Pina

Tributo à Liberdade

I.
Não impedirei o voo,
Ainda que incerto,
Do pássaro ferido
Em busca de outros céus

II.
Em dia azul claro
Ou em densa tempestade,
Em brisa acariciante
Ou tenebrosos véus...

III.
Entoarei o canto,
Não mais o acalanto,
Que sangue a ferida
Ou me sacie o fel.

IV.
Espada em chama ardente
Rasgando o coração:
Que morra a semente
E nasça o novo grão.

Mocambo

I.
Não adianta tentar esconder
Tua presença incômoda
Por trás do outdoor.

II.
Tu brotas da lama,
Contraste confuso,
E te ergues e gritas
E arranhas o ar.

III.
Tu, Fome, Violência,
Fracasso, doença
De almas sangrando.
Quem quer te olhar?

IV.
Quem está do teu lado?
Quem quer um dos teus?

V.
Mas o mesmo sangue
Que corre nas veias
Nos faz, todos, filhos
Do único Pai.

Miriam Pina - nasceu em Santa Rita (Paraíba). Fez Bacharelado em Letras, pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e Pós-Graduação em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Viveu 11 anos na África, (Angola e Zâmbia). Em Angola, durante a guerra, nos anos 90, trabalhou como intérprete e tradutora para a UNAVEM (United Nations Angola Verification Mission) – Missão de Paz da ONU. É colunista do Espaço Criança da revista Cidade Nova (SP) Publicou o livro Estressilda, a formiguinha estressada (2020 - Editora Coralina - RS) e Sonho Sol e Chama (2024 – Edições Funaad – PB).

OUTONO: TEMPO DE COLHEITA

Janaina Menezes

Colheita

Que seja próspera, que seja sempre farta a nossa colheita!

Doces frutos em nossa boca.

Que não falte o vinho da alegria.

As flores na janela.

Quão festeira está a nossa casa!

Os risos ecoam, nas histórias relembradas à mesa.

Mãos que se tocam em gratas preces.

Pelo trabalho que nos une.

A vida que se faz bonança.

É outono,
nossa colheita!

Frutos em nossa boca.

Vinho em nosso riso.

Histórias em nossa mesa.

Nossas mãos.

Nossa união.

Nossa colheita.

Outono em nós.

Janaina Menezes de Melo – cearense (Russas-CE), graduada em Letras pela Universidade Federal do Ceará (UFC), escritora (poesia e prosa), pesquisadora, participa de Projetos Humanitários e Religiosos.

Miniconto: Marcolino

Elaine Meireles

NADA É IMPOSSÍVEL

Mércia Souza

Aquilo num era gente!

Gostava de se esconder entre as plantas, só pra ver as moças nuas tomando banho no rio. E aproveitava para fazer movimentos circulares ou desgovernados, que se revezam entre rápidos, leves, devagar, conforme a respiração e o coração lhe ditavam. Só se aquietava, quando gotas respingavam, em um alívio que o mantinha tranquilo por minutos. Era justamente aí que Maricota, Julieta e Mundinha saíam da água, e com as tetas a fazer um bailado sincronizado de simetria ímpar, corriam em busca de suas roupas, sem se darem conta que Marcolino estava atrás da mangueira a espiá-las. Todos voltavam para casa na maior alegria do mundo. Ele passava o resto dia a pensar naquele momento, e elas a gargalhar com as brincadeiras feitas na água.

Na semana seguinte, Maricota e Julieta foram na frente, a banhar-se no rio. Mundinha demorou um pouco mais em casa, pois foi ajudar a mãe a adiantar o almoço. No entanto, o ritual de Marcolino já tinha começado, e nem sequer se deu conta que faltava alguém naquela brincadeira toda no rio. Movimentos circulares, desgovernados, rápidos, leves, devagar... Foi quando Mundinha chegou de mansinho e surpreendeu o danado do menino, que já estava próximo de aguar o tronco da mangueira. Pálido e com o coração na boca, correu sem destino, sem finalizar seu tão desejado ato.

Mundinha contou tudo, tudinho pra Maricota e Julieta. Às gargalhadas chegaram em casa, sem comentar nada com a mãe, nem com dona Raimundinha, vizinha antiga e mãe de Marcolino, que estava a esperar os ovos que fora comprar a dona Antônia, mãe das meninas. Dona Raimundinha indagou se elas tinham visto Marcolino. E o trio, em uníssona voz, responderam fortemente que não.

Dona Raimundinha saiu resmungando, dizendo que ele passava o dia na rua, e finalizava:
Aquilo num era gente!

(*) **Elaine Meireles** – Especialista em Literatura Luso-Brasileira, Professora Tutora da UAB/UFC/IFCE, Articulista e Editora da Revista Sarau, Autora da Coletânea Lápis Afiado (Análise de livros indicados para o vestibular; Estilos Literários Brasileiros.); Português – Vestibulares & Concursos. Participação nos livros Vivências de Leitura – uma análise linguística-literária das obras (org. Lucineudo Machado), Cartas para Belchior (org. Nonato Nogueira).

Fim da reunião, apertamos as mãos ela diz:

- É difícil, pode não dar certo, mas faremos o melhor.

Rindo, respondi:

- Se não der certo, nós faremos dar certo.

- Não é impossível. Disse ela.

- Impossível é uma palavra que não existe no meu vocabulário. Sorri.

era uma conversa muito simples e rotineira, mas ao dizer que nada é impossível, uma das minhas caixinhas da memória se abriu, revivi a primeira vez que subi o Pico da Bandeira.

O Pico da Bandeira é o pico mais Alto dos estados do Espírito santo e Minas gerais e da região sudeste do Brasil, é o terceiro mais alto do Brasil, com seus magníficos 2891,32 metros de altitude.

Nasci na região do Caparaó, e o pico é cercado por inúmeras lendas.

Histórias de fugitivos de guerra que lá se esconderam, pessoas que morreram, e uma das histórias mais contadas era sobre a queda de um helicóptero que se chocou com o pico devido a neblina, não sei se a história é verdadeira, mas, do alto das lavouras de café eu a ouvia contada por meus pais, avós ou moradores locais.

A história era contada quase sempre ao entardecer, um reflexo do sol no alto do pico alimentava essa a lenda reafirmando que o reflexo era do sol em um caco de espelho dos restos do helicóptero.

A história se repetia e eu também, pois todas as vezes que a ouvia eu perguntava:

- E a gente pode subir lá?

- Não, lá é muito alto, é impossível subir.

Adulto me apaixono pelas trilhas e montanhas, o pico se tornou o pico a ser conquistado.

Foi uma subida difícil e cansativa, dor de cabeça, dificuldade para respirar, sintomas do rarefeito e enfim eu consegui, sentada no alto do pico, encantada pelo visual, nuvens abaixo de mim, tentando localizar o local que nasci quando me lembrei da história que me acompanhou a vida toda e sorri:

- Nada é impossível! Eu disse para mim.

Mércia Souza, mãe, avó, artesã crocheteira e escritora, descobriu sua paixão pela arte ainda na infância, possui três livros publicados, dois romances e um de crônicas e participação em várias antologias. Fundadora do projeto "Mulheres com voz" sonha com um mundo de igualdade. Atualmente reside em Cachoeiro de Itapemirim-ES.

ART COLLAGE



Tênue ponto azul colagem de uma série ecológica

Carlos Nascimento - Professor Pedagogo, Especialista em Educação, Pós-Graduado em Planejamento, poeta, escritor e artista visual. Membro do Cecordel, ACE, UBT e outras.

CLICS DO SERTÃO

A Coluna Clics do Sertão apresenta as crônicas de Gerlane Cavalcante e Jasmine Gonçalves; e o Tributo Literário ao escritor Mia Couto, autoria do colunista, José Roberto Morais.

ICEBERGS

Gerlane Cavalcante

As pessoas costumam viajar para conhecer lugares e suas paisagens. Às vezes vão ver o mar, e lá deparam-se com uma imensidão; em certas oportunidades podem ver geleiras, aqueles gelos enormes, icebergs. Algumas podem achar aquilo assustador, mas há um fato que elas não sabem: os icebergs são como plantas, em sua maioria há raiz. Isso quer dizer que a dimensão surpreendente dos grandes gelos pode ainda ser muito maior! É sim, pode. É possível ver o que se mostra acima do nível do mar, o que garante não ter extensão abaixo? Majoritariamente, os icebergs são maiores do que podemos ver.

Nessa ilustração estão as pessoas, todos nós carregamos icebergs dentro da alma. O que pesa às vezes, que impede de seguir em frente. É o que as vezes derrete alma a fora, mas não para diminuir o peso, mas para encontrar coragem. É o que se destrói a temperatura dos raios solares, das influências externas. O que em alguns momentos nos faz afundar, ou boiar, depende da densidade. Mas uma semelhança dada a analogia é a de que não sabemos, vemos as pessoas, cotidianamente, e não fazemos ideia dos seus icebergs. Algumas deixam aparecer, outras uma pontinha insiste certas vezes, e terceiras não apresentam suas geleiras. E aí? Elas não têm? Têm! Todos temos. Porém, parece que só é possível crer no que se vê. Comodismo? O que seja. Não se imagina que o iceberg que não aparece acima do mar pode ser muito mais profundo.

Com os seres humanos não é diferente. A depressão é considerada o “mal do século”, nos perguntamos afinal “por quê?”. Sinceramente há múltiplas respostas, “os tempos mudaram”, “as tecnologias”, “as preocupações”, “os medos”, “o trabalho”, “as relações”. E se pensarmos diferentes? Os tempos são outros, tudo flui com rapidez e os elementos expandiram. A gente pensa na família, estudos, trabalho, lazer, amigos, sentimentos, futuro, passado, em si; a gente preocupa-se em viver, estar, ser, por vezes existir, fazer-se presente... são tantas coisas

que a soma de tais fatores não resulta apenas na depressão, também em tantos transtornos psicológicos: ansiedade, estresse, síndrome do pânico, TOC... enfim, a vida é um complexo. Talvez nunca nos deparamos com tamanha bola de neve que aumenta cada vez mais. Ou talvez, o ser humano nunca se deu conta de que tais coisas sempre existiram. A verdade é que, seja o primeiro, seja o segundo, o hoje não é como antigamente. Não só os tempos mudaram, as pessoas também, e com elas, as suas exigências. Tornamo-nos exigentes quando queremos muitos das pessoas, quando sugamos sua essência a favor da nossa existência, quando esperamos todas as atitudes ao nosso favor, para o nosso bem. E o amor ao próximo? A empatia... palavra “recém descoberta” e pouco vivida.

As pessoas têm icebergs, e não vemos quando estão afundando, na verdade só nos damos conta quando o desastre acontece.

Falta olhares doces, bocas emotivas, ouvidos sensíveis, e mãos que afaguem nossos icebergs interiores. Necessita-se de abraços calorosos e enlaçadores. Sorrisos, lágrimas, silêncios, conversas, respeito... tudo isso nos abastece para enfrentarmos nossos icebergs e para ajudar as outras pessoas.

Existem pessoas fortes que escondem seus enormes gelos e problemas existenciais, é preciso enxergá-las, compreendê-las. Elas não têm o dever de sempre se manterem firmes e controladoras dos gelos. Às vezes desabam, é vital.

Todos temos nossos icebergs!

Maria Gerlane Cavalcante – Psicóloga, contista e cronista campossalense. Técnica em Comércio pela Universidade Estadual do Ceará; Psicóloga graduada pela Universidade Federal do Vale do São Francisco, atua na área clínica, escolar e educacional. Atualmente, cursa especialização em Impactos da Violência na Escola pela Fundação Oswaldo Cruz (FioCruz) e mestrado em Psicologia pela Universidade Federal do Vale do São Francisco. Coautora em “Poetas e poesias” (2011) e “Somos Escritores: jovens que escrevem” (2019).

O QUE MORA NO SILÊNCIO?

Jasmine Gonçalves

No sentido geral da palavra, silêncio é a privação voluntária ou não, de falar ou expressar sentimentos, abster-se da voz. Isso não quer exatamente dizer que seja a ausência de pensamento. Nesse caso, o silêncio é a moradia escura e tênue entre o que se passa na nossa cabeça e nossas atitudes inexistentes.

Digamos então, que metaforicamente, cada pensamento silenciado forme um andar de um longo e frágil prédio que sustenta quem nós somos além do externo. Diferente de todos os arranha-céus, seu percurso segue uma escada íngreme tendo como ponto de partida o andar mais alto rumo a parte mais sólida da estrutura

No topo do silêncio habita uma senhora cruel, nossas angústias, as vezes em que mantivemos a voz aprisionada por ser mais fácil magoar nós mesmos que os outros. Um pouco mais abaixo, um vizinho um pouco mais tímido e reservado, os sentimentos mantidos recolhidos entre grades, pelo mero receio de retaliação e atitudes dos ouvintes. E nos andares que se seguem, ocupantes barulhentos, insatisfeitos, rancorosos, mantidos e alimentados por todos os silêncios de uma vida de conformismo. E ao final de tudo, o que mantém todo esse prédio são as inseguranças, pelos silêncios de consenso, pela a falta de defesa, a ausência de um único não em meio a vários silêncios angustiantes.

O que mora no silêncio é o peso de tudo que suportamos em toda nossa trajetória pelo medo da opinião ou da exclusão de uma sociedade hipócrita e inalcançável. O que mora no silêncio é nossa morte silenciosa e certa pela falta de coragem de ser quem somos, independente de um padrão.

Jasmine Gonçalves – Cronista iniciante e poeta campossalense. Estudante de Ciências Contábeis na Instituição Anhanguera. Coautora em “Vestígios de Amor” (poemas, 2021) e “Sempre choro de saudade na noite de São João” (literatura de cordel, 2020).

MIA COUTO: DE BIÓLOGO A ESCRITOR

José Roberto Morais

Mia Couto é escritor
É poeta e jornalista
De prêmios, foi vencedor
De fábula, romancista.
Em Moçambique nascido
Nesse ambiente crescido
É filho de um português
De círculo intelectual;
Publicando no jornal
Foi um destaque altivez.

Aos quatorze anos de idade
Mia Couto publicou
Nas notícias da cidade
Que ele logo abandonou.
Para capital partiu
Pois o sonho prosseguiu
Ingressou na medicina;
Abandonou esse curso
Para seguir seu percurso
De maneira genuína.

Dedicou-se ao jornalismo
Foi diretor de revista
Trabalhou com ativismo
Buscando cada conquista.
Publicou “raízes de orvalho”
Um magnífico trabalho
Primeiro livro de versos;
Ingressou na biologia
Com foco em ecologia
Pra conhecer universos.

Depois veio publicar
Em sua prosa poética
Um romance singular
Com figuras e fonética.
De devastadora guerra
“Sonâmbula” fica “a terra”
Mostrando instabilidade;
Quando todos despertavam
Os habitantes olhavam
O sonho e a realidade.

Formando suas imagens
Por meio da fantasia
Surgiam novas paisagens
Pois a terra se movia.
Em capítulos exemplares
Com histórias singulares
De completas coerências;
“O caçador de elefantes”
“O terrorista elegante”
“O mapeador de ausências”.

“As vozes adormecidas”
“Um rio chamado tempo”
São histórias escolhidas
Pra leitura, passatempo.
Entre as obras que procuro
Há “o gato e o escuro”
“De chuvas”, um “tradutor”;
“O bebedor de horizontes”
Antônio Emílio fez pontes
De biólogo a escritor.

José Roberto Morais - Professor, poeta, cordelista e escritor araripense. Colunista da Revista Sarau e Membro Fundador da Academia Cearense de Literatura de Cordel (ACLC). Autor dos livros: “50 Sonetos”, “Reforma Agrária e o Boi Zebu e as Formigas: uma análise sociológica”, “Fantástico Mundo da Leitura” e “Veredas do Cordel”; e coautor em algumas antologias. Em projetos de leitura e escrita, publicou com seus discentes as obras “Somos Escritores: jovens que escrevem” (2019) e “Trilhas da Leitura” (2023).

O ETERNO RETORNO

Para **Valentina Gruska**

Gerson Augusto Jr.

O poeta andava
procurando a poesia...
Seu olhar colhia
paisagens
E o coração marcava
o ritmo dos seus passos...

O poeta parou para contemplar
a floração das açucenas
E
a exuberância
incandescente da primavera

Pétalas caíram
deixando no ar
o silêncio perfumado
e nada mais...

A poética da vida
é maior do que o verbo
As palavras não alcançam os
mistérios
nas reentrâncias da existência...
E
o silêncio se impõe
diante do inefável...

Como descrever a inocência
da criança acenando
para a borboleta azul?
O que dizer de Valentina
galopando no corcel dos
sonhos?
Quantas tonalidades
tem a cor da esperança?
Como descrever a delicadeza
da floração da açucena ?

O vento passou carregando
um cheiro de maresia

O poeta seguiu
o curso sinuoso do rio
Observou as marcas do tempo
no limbo das pedras

A cachoeira cantava
A correnteza agitava-se
abrindo flancos no ventre da
terra
E
talhavando margens com
o delírio das águas....

O crepúsculo
coloriu o de
clí
nio
da tarde
E a revoada das garças tingiu
de branco os olhos do poeta....

Embarcações
se aproximavam da praia
e
dançavam no ritmo das vagas

O velho pescador narrava
aventuras dos homens do mar
para uma plateia invisível...

O poeta acenou...

O velho estendeu a mão para
o poeta, sorriu e disse:

Sua procura vem longe
deve fluir
com a respiração do universo
E
a cantoria marítima

Lembra das flores?
Aqueles que você contemplou
no início da caminhada?

Elas representam você
a menina do corcel dos
sonhos
a criança
a borboleta azul
eu e
todos que um dia voltarão

para o pó da terra...

Somos semente e fruto
Somos fogo e água
Somos calor e frieza
Somos vento e ventania
Somos quietude e movimento
Somos desertos e oásis
Somos o riso e lágrima
Somos peso e leveza
Somos homens e húmus.
Somos os lavradores e a lavra

Caminhamos buscando o sol,
esse eterno pai dos mistérios
E
como o mar
somos embalados
pela regência cíclica da lua...

A vida pulsa atravessando
as eras...
Os astros brilham
mesmo quando não são vistos...

Ah! continue observando as flores
Veja como a rigidez
é prelúdio da decomposição
E
a decomposição
é
prelúdio de um
novo começo...

A noite chegou sem estrelas
E
envolveu o velho
e o poeta com
seu manto escuro...

O farol riscou o céu
iluminando os gestos
comedidos do velho...
As vagas encharcaram a areia
apagaram os passos do poeta
E o mar continuou seu
movimento
de Eterno Retorno....

A DANÇA DAS SEMELHANÇAS NOS RITMOS DAS DIFERENÇAS

Gerson Augusto Jr

Há muito foi denunciado o equívoco de se pensar e agir como se humanidade cessasse nas fronteiras da tribo. O mundo é vasto e quanta engenhosidade existe na seleção dos fios das teias que sustentam cosmovisões e tradições culturais. Múltiplas são as maneiras de cantar e encantar a vida.

Os desafios do viver são inarredáveis. A condição humana repousa na permanente tensão entre o prosaico e o poético. Em todas as línguas existem palavras para expressar os limites e possibilidades das ações humanas. Os tabus revelam a necessidade dos homens de manter o controle dos instintos para garantir a ordem e coesão social. Cada grupo determina formas particulares de inclusão e exclusão dos seus membros. Nesse sentido, rituais de passagem assumem importância fundamental no processo de mudança nas fases da vida.

Exibir determinados tipos de adornos, pinturas corporais, turbantes, chapéus, cortes de cabelos são manifestações da estética e da construção do sentimento de pertencimento a determinada coletividade. Diversas tradições guardam acentuada preocupação com o zelo do que pode ser considerado bom, belo e justo.

A dor com frequência fecunda a sensibilidade humana e fez nascer a beleza das artes. Prantos podem ser transformados em versos e perdas em canções. Inúmeras narrativas foram aquecidas pelo sol, esse eterno pai dos mistérios. Poemas e declarações de amor foram embaladas pela luz sublime da lua.

O homem é um peregrino, veio ao mundo para caminhar. Caravanas partiram, deixando para trás a terra natal e levando na bagagem o sonho de felicidade. Por onde os homens colocaram seus pés, santuários foram erguidos para cultivar a esperança e acender o brilho do olhar. Mantras, rezas, cânticos e orações foram realizadas em agradecimento ao socorro dos deuses e para aplacar as lufadas impiedosas dos ventos das incertezas. Viajantes ampliaram horizontes, desenharam cartografias, traçaram rotas, atravessaram mares, rios, desertos, montanhas, savanas e florestas confiando no lume das estrelas.

Por toda parte, o homem construiu utopias, idealizou o tempo e realizou rituais para celebrar os ciclos da natureza. Inverno, verão, outono e primavera foram recebidos como dádivas divinas. Festas de colheitas revelam a importância dos alimentos como algo sagrado, e exorcizam o medo da fome.

Em volta do fogo, corpos foram aquecidos; mitos narrados e comidas compartilhadas. Diante do fogo o homem cantou e dançou para celebrar a vida e honrar os deuses. Além disso, o próprio fogo foi objeto de respeito e adoração em rituais primitivos. Assim, o homem aprendeu que não é razoável brincar com o fogo e tocá-lo. Todo cuidado é necessário, pois a chama que aquece é a mesma que queima e pode transformar tudo em cinzas....

Aliás, a comida ocupa um lugar privilegiado no âmbito das relações humanas. O homem não come apenas para assegurar as exigências fisiológicas e nutricionais. O comedor humano é criterioso. Os valores nutricionais não garantem que determinados animais, peixes, crustáceos, aves, frutas, grãos, legumes, insetos e tubérculos sejam concebidos como omestíveis. A comida possui valores simbólicos, o homem também se alimenta de símbolos...

O homem é um ser de sapiência, mas também de demência. Por isso, cada grito de guerra nunca deixou de ser seguido pelo clamor da paz. Cemitérios, túmulos e urnas funerárias dizem da importância da lembrança dos que partiram, mas também afirmam a supremacia da vida como um bem maior.

Seja como for, nas dobras do mundo pairam indícios de que o homem se reconhece como simples criatura diante da grandeza indizível do universo. O que me encanta são as semelhanças visíveis nos rótulos cuidadosamente construídos para exibir e consagrar as diferenças...

Sou viajante do tempo, mas possuo identidade terrena. Estou entre uma pequena parcela da humanidade com a memória marcada pela ausência das chuvas, longos períodos de estiagens, e ciclos migratórios de pessoas e aves de arribação. Por isso, a gente daqui costuma mirar o céu para contemplar as nuvens, e dizer quase cantando:

Tá bonito pra chover...

Bendito seja o encanto das águas...

GERSON AUGUSTO JR. - nasceu em Fortaleza em 1966. É antropólogo e professor da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Participou de coletâneas literárias e concursos de poesia. Teve seus poemas selecionados pelo Concurso Literário do Ideal Clube nos anos de 1998 e 2001.

CONCLAVE - UM CEARENSE NO VATICANO

José Gurgel

Junto com o Caixa Preta tomando uma cervinha bem gelada, sentados lá no fundão do Porcão preparei-me para ouvir o que o velho Caixa tinha para contar entre um gole e outro. Já estou acostumado a ouvir cada coisa, mas essa foi de lascar. Segundo ele, o mundo está prestes a sofrer uma dominação jamais vista em toda a história da humanidade; estou até assustado com a quantidade de cearenses espalhados pelo mundo, eles estão em toda parte.

Não se enganem, aquele baixinho orelhudo guardador de carros em São Paulo, o chefe de um dos maiores restaurantes lá em NY, o borracheiro lá no interior da China, na Europa, Rússia, Palestina até na África eles estão presentes. Parecem fazer parte de uma nova ordem mundial para ocuparem postos-chave na administração mundial.

Portanto, muita atenção! Adote logo ou fique amigo de um cearense antes que aconteça. É melhor se preparar, pois a qualquer hora poderá acontecer, pois para isso já criaram até senha - Queima Rapariga! - que servirá de mote para a grande tomada de poder, que será gritada a plenos pulmões lá no Central Park. Logo em seguida será feita uma conexão imediata com Pernambuco, onde em postos-chaves, emitirão ordens extinguindo imediatamente os times do Náutico, Santa Cruz e Sport Recife.

Um papa cearense será eleito, Raimundo I, que canonizará Padre Cícero, determinando que todas as hóstias da igreja católica sejam feitas com macaxeira, farinha, rapadura. O vinho da missa passará a ser uma branquinha pura misturada com Tang ou Q-Suco de uva.

O velho Caixa estava inspirado, quando lembro, dou uma gargalhada.

Talvez o único problema seja, achar uma mitra que caiba na cabecinha chata do papa, imediatamente será comprada uma fronha de travesseiro até se encontrar outra solução.

Rachei de tanto rir, pois o Caixa é cearense, mas não perdoa os conterrâneos.

LEMBRANÇAS

José Gurgel

Encontrei com o Caixa Preta, ele estava arrasado, não tinha aquela alegria que sempre mostrou quando nos encontrávamos lá no Porcão.

Sentados, ele me contou o real motivo. Tinha tido a notícia que Chicão havia morrido. Vocês sabem que Chicão? É como o velho Caixa citava o Papa Francisco, foi um duro golpe para o meu amigo.

Eu acho que foi um verdadeiro abalo para o mundo, pois os bons quando nos deixam, parece que o mundo fica menor, sem graça e desprotegido, pois pessoas boas, no nosso mundo de hoje são raras, quando se vão parece que deixam uma lacuna difícil de ser preenchida.

Bebendo a nossa cervinha pra lá de gelada, começamos a relembrar o passado, os nossos cabelos brancos revelavam as poucas e boas que passamos defendendo com unhas e dentes a nossa querida cidade, o nosso Guará.

Enquanto nós envelhecíamos, por incrível que pareça, o contrário acontecia com o Guará, que de uma simples vila maldosamente por muitos apelidado de “Cidade Dormitório”, foi se transformando em uma moderna cidade, com tantos problemas e descasos, mas cada vez mais amada por nós. Afinal de contas, essa é a nossa cidade. Aqui estão velhos amigos, cada um com sua história de vida de alguma forma ligada a ela, que não para de crescer. Muitos amores na juventude criaram esse elo, que quanto mais o tempo passa mais aumenta a nossa ligação. Parece até que estou descrevendo o paraíso fincado no meio Planalto Central, onde aprendizes de feiticeiros, verdadeiros predadores apenas se aproveitam da nossa passividade trazendo por trás dos falsos sorrisos apenas dissabores.

Temos que lutar, essa é nossa obrigação, não vamos deixar a nossa cidade se transformar nesse paraíso de aproveitadores.

Um lugar não apenas para dormir, mas um lugar para amar, viver, fincar raízes, criar os nossos herdeiros.

Isso é o que queremos e merecemos!!!

JOSÉ GURGEL - é jornalista, nasceu em Fortaleza -CE, atualmente mora em Brasília – DF. Blog: Caixa Preta - O Guerrilheiro do Cerrado

A DIVINA MENTE VISIONÁRIA

Alexandre Braga

VIÉS

Alexandre Braga

Assim, nos confins da antiga era, estrelas, planetas, cometas, asteroides, satélites e buracos negros, que davam acesso a outros mundos, verdadeiros escapes da imaginação divina, preencheram o tecido do espaço.

Num daqueles mundos, diziam os nativos, Hito e Hita, os Dois Que São Um, eram três.

Ao criar o homem do pó da terra, a referida Trindade pensou: "Ele não se aquieta. Como vou fazer o acabamento?"

E assim providenciou que a criatura dormisse. Ergueu-a diante do trono, extraiu dela uma moldura e, retirando o excesso de pó, como quem faz o polimento de uma pedra preciosa, transformou-a numa mulher.

Disse a si mesma, com um gesto apreciativo:

— Agora, sim! Agora, sim! Além do rascunho, já tenho a obra-prima finalizada!

E, a partir daquela primeira união, houve a extensa descendência.

Ao longo de milhares de anos, diversos homens, então, casaram-se com um exemplar desta obra-prima. Com sua outra metade, livre dos excessos de pó. Sua metade oculta de outrora que, quando desnudada, mostrou-lhes o melhor de si mesmos. Sua melhor versão. Sua melhor metade, parceira para toda a vida, em especial no seio das dificuldades, quando a desunião se revelava a mais onerosa das decisões, e a escala de qualquer conflito medida de acordo com a sua capacidade de destruição, prologando-se desde as muitas guerras historicamente travadas nesta terra aos períodos de pós-guerra que as sucederam, da mesma forma que em nosso mundo: homem e mulher, metade e melhor metade, síntese da união eterna entre Hito e Hita, sua mais elevada parte —, algo que eu, como historiador, pude constatar bem ao examinar, com a mais pura minúcia, toda a documentação disponível sobre os viajantes interdimensionais.

Acusaram-me de parcialidade total. Argumentaram que não nasci para ser historiador, pois meu viés sempre se sobrepunha ao método propriamente dito. Talvez fosse verdade, mas, para mim, já não importava mais. Decidi por assumir meu viés, evocando os versos de Danvil Scurzar, por si só, autoexplicativos:

Fracassei em tentar
não adotar
um viés.

Aqui estou eu de novo,
desprovido de neutralidade outra vez,
assumindo meu viés publicamente,
após falhar miseravelmente.

Meu viés é feminino,
sempre em prol de mulheres,
onde se assentam superiores:
mais inteligentes, mais belas
e fortes.

Já deu para perceber o que, muitas vezes,
pode não ser,
mas aparenta
ou tem potencial para ser.

Meu viés, de fato, é a liderança no feminino,
então, imagino,
que esse é meu destino.
Não só meu, pois represento toda uma
sociedade,
onde repousam os indivíduos —
todos do mesmo viés.

ALEXANDRE BRAGA- nasceu em Fortaleza, Ceará, no ano de 1998. Historiador. Ferrenho austrolibertário. Defensor da superioridade das mulheres, a indiscutível obra-prima da natureza. Publicou seu primeiro livro aos quinze anos. Atualmente, conta com três projetos em andamento: a saga Uma Sombra No Multiverso, a coleção Meus Dias Poéticos e uma série de livros acadêmicos. www.alexandrebraga.com.br

O TEMPO ESPIRALAR NO ROMANCE TORTO ARADO

AS NARRADORAS/PERSONAGENS: BIBIANA, BELONÍSIA E SANTA RITA PESCADEIRA

Elizaeth Jacira Barbosa

Caminhos tortuosos

O romance "Torto Arado" (2019), do escritor brasileiro Itamar Vieira Junior, é uma obra fundamental da literatura brasileira contemporânea. Essa obra traz as vozes de três personagens centrais as narradoras; Bibiana, Belonizia e a encantada Santa Rita Pescadeira. cada narradora-personagem narra uma parte do livro, que por sua vez é subdividido em três partes: intituladas "Fio de Corte", "Torto Arado" e "Rio de Sangue". Itamar Vieira Junior, escritor agraciado com os mais importantes prêmios de literatura, venceu o Leya, em 2018, o Jabuti e o Oceanos, em 2020, e tem em destaque outros livros, sendo eles: Salvar o Fogo (2024), que é o que é o segundo de uma trilogia iniciada com Torto Arado, mas que não há ainda a terceira obra; o livro de contos Doramar e a Odisseia (2021) e Chupim (2024), este que é sua escrita para o público infanto-juvenil.

Como apresentaremos, Torto arado ressignifica a noção de tempo narrativo ao adotar uma estrutura espiralar (Barbosa, 2024), por meio da interação das personagens, e suas vozes, as irmãs; Bibiana e Belonisia e da misteriosa narradora/personagem Santa Rita Pescadeira. Bibiana é a narradora da primeira parte do livro, "Fio de corte", e tem em si, um desejo de mudança e ressignificações, pensamentos fluidos que vão além da vida no campo. Já Belonisia, narradora da segunda parte do livro: "Torto Arado", e é por ela que entendemos o significado do título do livro, logo após o incidente com a faca que mutila a língua da personagem, deixando-a sem voz, e por meio do envolvimento com a terra que ela vai lidar com os mais diversos sentimentos. E, por fim, damos ênfase a terceira narradora a encantada Santa Rita Pescadeira, que discorre acerca do subtítulo "Rio de sangue". É ela que apresenta a questão chave do romance, pois é por meio de sua narrativa que podemos entender o contexto do tempo espiralar no romance. Ela recorre aos mais diversos corpos para impor sua presença ao longo de todo contexto narrativo.

Nesse sentido, o autor constrói uma perspectiva narrativa que desafia a linearidade cronológica, mergulhando nas memórias ancestrais, nos traumas coletivos e apresenta as resistências. Este tempo, tempo espiralar, se manifesta na obra, articulando-se sobre a óptica de como as experiências das narradoras-personagens se misturam às tradições culturais que fundamentam suas existências

O termo "Tempo Espiral" como resistência narrativa

Diferente do tempo linear ocidental, o tempo linear e homogêneo, de que tratou Walter Benjamin, que está associado à ideia de progresso e à história oficial, o tempo cronológico, em Torto Arado, se desdobra em movimentos espirais, onde passado e presente se entrelaçam. Ele se faz, pela narração, primeiro de Bibiana, e, depois, de Belonisia, que narram suas vivências em um fluxo fragmentado, revelando como o trauma da infância (o acidente com a faca que as une e separa) ecoa ao longo de suas vidas. Esse movimento espiralar reflete na permanência da violência histórica contra corpos negros e sertanejos, mas também sua capacidade de ressignificação.

Santa Rita Pescadeira, figura que transita entre o real e o místico, amplia essa noção ao conectar o tempo humano ao tempo ancestral. Suas profecias e visões sugerem que o destino das personagens não é linear, mas cíclico, marcado por repetições e rupturas. Essa perspectiva remete a cosmovisão afro-indígenas, nas quais o tempo não é uma linha reta, mas um movimento contínuo de retornos e transformações.

Memória, ancestralidade e a luta pela terra

A estrutura do tempo espiralar do romance também está vinculada à luta pela terra e à preservação da memória quilombola. A fazenda Água Negra, espaço central da narrativa, é palco de opressões seculares, mas também de resistências que se renovam. O tempo, nesse sentido, não avança; ele se enrola sobre si mesmo, trazendo à tona histórias apagadas e subjugadas da sociedade contemporânea.

Bibiana, como guardiã das tradições, e Belonisia, como voz da rebeldia, representam duas formas de lidar com esse tempo não linear: uma pela preservação, outra pela ruptura. Já a personagem de Santa Rita Pescadeira encarna a sabedoria da ancestralidade que transcende a temporalidade, lembrando que o futuro só é possível se o passado for reconhecido. Itamar Vieira Junior traz o que acreditamos ser uma inovação, ao

centrar essa subversão em vozes negras e marginalizadas, mostrando que o tempo, o tempo espiralar, não é apenas um recurso estético, mas uma forma de referência à existência e à resistência, dos sujeitos e do discurso, dentro das comunidades tradicionais afro diaspóricas.

À guisa de conclusão

Como vimos, em *Torto Arado*, o tempo espiralar é a chave para entender as camadas e as profundidades das narrativas. E é por meio das perspectivas das narradoras, Bibiana, Belonísia e Santa Rita Pescadeira, que Itamar Vieira Junior demonstra que a história não é uma linha reta, rumo ao progresso, mas um redemoinho de vozes silenciadas que insistem em ecoar, e a cada volteio, se redobra em novas outras vozes, a compor a relação ancestral. A obra, assim, não apenas reinventa a forma do romance brasileiro, no contemporâneo, mas também afirma a urgência de se escutar essas narrativas, dos tempos espiralares, onde passado, presente e futuro se con-fundem em um grito de existência, de luta, de vida.

Torto Arado é, pois, muito mais do que um romance; é um monumento literário que, ao apresentar as personagens, suas histórias e suas maneiras de fiar a vida, no tempo, redefine o tempo dentro da ficção brasileira, mostrando que a verdadeira justiça só acontecerá quando as espirais das histórias forem desvendadas pela recepção. Por isso, torna o romance uma leitura obrigatória para quem deseja compreender as relações sociais, marcadas por inúmeras formas de preconceito, e quem deseja entender, na cultura afro diaspórica, as múltiplas culturas, em suas temporalidades, que compõem o Brasil.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Elizaeth Jacira. O Tempo espiralar no romance brasileiro: as narradoras/personagens Belonísia, Bibiana e Santa Rita Pescadeira, na perspectiva do romance *Torto arado* de Itamar Vieira Junior. 39f. Monografia (Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa e Respektivas Literaturas) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, UERN, Assu, 2024.
VIEIRA JUNIOR, Itamar. *Torto Arado*. São Paulo: Todavia, 2019.

Elizaet Jacira Barbosa - Pesquisadora de Literatura Brasileira contemporânea, licenciada em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN, Campus Avançado de Assu), título defendido pelo TCC sobre a obra *Torto arado*, de Itamar Vieira Junior, trabalho orientado pelo Professor-Doutor: Gustavo Tanus.



PARTICIPE!

ANTOLOGIA DO CLUBE DOS POETAS CEARENSES. Serão textos que se distribuirão nos gêneros prosa e verso. Cada autor(a) terá direito a 03 páginas para seus textos, escritos em tamanho 12, espaçamento entre linhas 1.15, na fonte ARIAL. Tamanho de cada folha A4 (21,00 cm X 29,70 cm). Margens direita e esquerda 2,5 cm, em cima e em baixo 2,5 cm. O pagamento será de 180,00 reais e dará direito a 10 exemplares do livro. Os textos serão enviados para o e-mail nonatonogueira45@gmail.com.

Os textos só serão aceitos até 30 de JULHO de 2025.

O pagamento de 180,00 pode ser efetuado até 30 de JULHO de 2025, pelo número do telefone de Raimundo Nonato Nogueira, PIX: 85988794891

Após receber os textos de todos os participantes, iniciaremos a diagramação do livro e da capa. Após esta etapa concluída, marcaremos a data do lançamento. Nessa ocasião, os autores participantes da ANTOLOGIA receberão a CARTEIRA DE SÓCIO DO CLUBE DOS POETAS CEARENSES.

1.OBS: não esquecer de enviar sua MINIBIOGRAFIA de no máximo 5 linhas e uma FOTO para a CARTEIRA DE SÓCIO DO CLUBE DOS POETAS CEARENSES.

APOIO *Cultural*



PONTO DE CULTURA DO CEARÁ

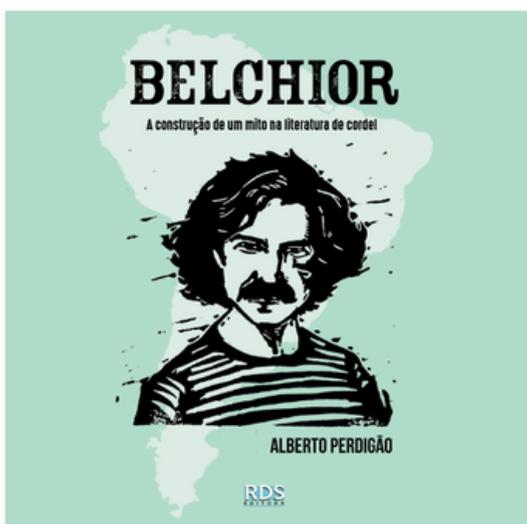
www.amisticadosencantados.com.br



Rua Angustura,13- Santa Cruz da Serra
Duque de Caxias - RJ

Direção: Professor Adriano Souza
(21) 991525589

Um sucesso de público e de crítica que vai emocionar você também.



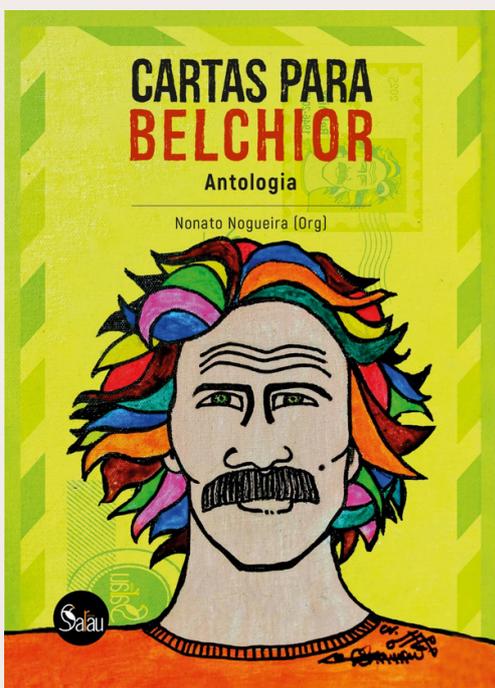
O livro *Belchior: a construção de um mito na literatura de cordel*, do jornalista e pesquisador Alberto Perdigão, mostra, pela primeira vez, o que há de mais picante, impactante e surpreendente nas biografias do artista publicadas em livros e em folhetos da literatura de cordel.

Adquira seu exemplar autografado direto com o autor pelo fonezap

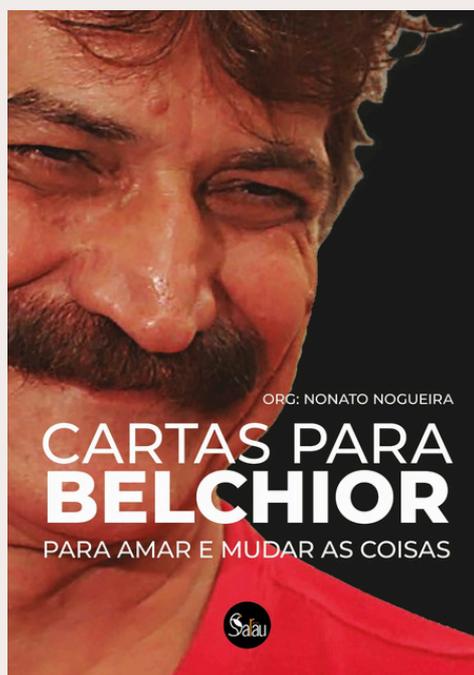
(85) 99989-8639.

EDIÇÕES

Revista Sarau



Volume 1



Volume 2

Adquira seu exemplar
(85)9 88794891

Organizador:
Nonato Nogueira